

o leitor passou os olhos por cima desta declaração, absurda para quem tem obrigação de encher umas tantas tiras de notas sobre os acontecimentos de um periodo dado, ultra-absurda para um chroniqueiro da vida provinciana que as mais das vezes não tem acontecimentos a que grudar as suas notas.

Pois é tal e qual, acreditem ou não.

Não tivessæ eu assumpto ou não tivesse o assumpto que tenho e sentir-me-hia feliz neste momento, ao deixar que a penna deslissasse por estas tiras abaixo, rabiscando frivolidades ou tecendo em filigranas de estylo impalpavel uma porção desses milhares de desculpas que acodem facilmente aos chronistas e que constituem calote formal, porem admittido pela nimia condescendencia das victimas, os Srs. assignantes.

Que os quinze dias tinham sido chôchos, que não davam factos chronicaveis por mais que se os espremesse, que estava furioso com isso, que ia dar demissão de quinzediazeiro e muita outra tolice do mesmo gosto diria eu nas poucas columnas que me confiaram os collegas e tinha ganho honradamente o meu magro salario, ficando o leitor com cara de tolo e eu com a consciencia tranquilla e feliz como um frade que pregou mal e jantou optimamente

Não é assim infelizmente. O periodo decorrido é opulento de assumptos; os assumptos são riquissimos. Vasio e pobre estou eu de verve correspondente.

E ahi está porque eu preferia não ter assumpto.

Dois factos entraram juntos para os noticiarios das folhas quotidianas, para os archivos

da chronica, para os porões de carga remettida á posteridade. Juntos, inseparaveis, como os dous irmãos siamezes, mas dessemelhantes, antiteticos, só conciliaveis pela regra de não poderem fazer liga dous gonios iguaes. A festa ruidosa e brilhante dos livres, e festa ruidosa e funebre dos mortos. 25 e 24 de Março. E' necessario transpor a ordem chronologica para ser fiel á verdade e seguir o desfile das impressões recebidas.

Aos que tem em devida conta as commemorações, considerando-as como estímulo para a reproducção dos grandes homens e dos grandes acontecimentos, pareceu que era um crime o olvido ingrato em que ia cahindo a maior data da historia patria, a da redempção total dos captivos de uma das mais vastas circumscripções administrativas do imperio, e resolveram promptamente reagir contra o mau verso em que ia ficando o povo de só ver no dia 25 de Março a luminaria reles de lampeões enfumaçados e vellas de vin-tem, triste decoração dos carunchosos edificios publicos; de só ouvir o som da velha artilheria official, saudando o anniversario do juramento dessa mascara de despotismo sonoramente appellidada — Constituição do Imperio.

Era triste esse descaso em que ia cahindo a gloriosa data.

Triste e deponente.

Em boa hora, porem, tomaram attitude decisiva e decretaram sua restauração integral, solemne e pomposa os que tem em devida conta as commemorações. Todos estiveram a postos ao toque de reunir. Nenhum elemento faltou. As matronas, as moças,

as crianças, a imprensa, o povo, todos sem objecções de dæsanimo, sem hesitações de duvida accudiram ao appello e as festas de 25 de março foram dignas do seu objecto pelo brilhantismo e pela expontaneidade.

Destaco o que de mais popular e mais expressivo apresentaram os festejos em honra da causa abolicionista

No escriptorio do *Libertador*, officina de labores incessantes, convertida em sala de festim, garrida e louçã; aqui retratos em molduras largas, pompeando reflexos luzentes sobre festões e grinaldas de folhas; alli tropheus de bandeiras e de armas indigenas; adiante arcos e palmas, o eterno symbolo dos triumphadores; por toda parte senhoras offegantes, meninos alegres, burgozes endomingados, cheirando a cedro de guarda roupa e fumo de charuto.

Uma multidão em fim de homens e de cousas n'um amalgama impossivel, respirando a custon'um ambiente vez vezes inferior ás necessidades do gasto pulmonar.

E lá, ao fundo, enthronado em seda e flores, o busto a crayon de José Bonifacio, o «morto immortal», o mallogrado patrono dos captivos, o ingenuo patriota que teve a suprema candura de morrer cren- te dos homens, apaixonado das ideias.

Foi para mim a mais bella parte da festa essa modestissima, mas tambem eloquentissima homenagem áquelle adoravel character são e immaculado.

Ainda não tinham de todo amortecido as luzes que engrinaldavam as fachadas das casas; mal cessára o vai-vem da multidão em romaria pelos

pon tos da cidade mais nota-  
veis por sua decoração, quan-  
do a aza agoreira d'um mor-  
cego enorme e negro baixou  
funebremente, apagando de  
todo a impressão boa e salutar  
das commemorações e collo-  
cando no lugar della o espan-  
to dolorosamente esmagador  
de uma desgraça.

O *Bahia* velho paquete, a-  
migo de longa data do velho  
oceano, fora sepultado no fun-  
do negro das aguas!

Uma traição do mar?

Não. Uma traição dos ho-  
mens.

« O tempo é calmo, o espaço é todo um  
E, de repente, a nao pára e se abysma  
Nas fauces torvas e infernaes do oceano.»

Não foi o anjo das tempestades  
que abriu as azas terri-  
veis para revoltar as ondas a-  
migas contra o gigante ne-  
gro que lhes esmagava o dorso  
giganteo, açoitando-lhes os  
flancos triumphantemente,  
thuriferando os astros com  
rolos espessos de fumo quente.

Não. A noite é branda e  
fresca; no céu estão accezos  
todos os cirios; as aguas abai-  
xam humildemente o dorso;  
cantam as auras nas euxarcias  
e as ardentias brincam na es-  
teira de espuma.

De repente.. um choque!

Ninguem calcula o que foi;  
só o commandante, o velho a-  
migo d'aquellas quatro taboas,  
comprende que está tudo  
perdido.

A poucas braças passa uma  
sombra grande e negra, es-  
gueirando-se como um saltea-  
dor, que foge com o ouro da  
victima, enquanto esta estre-  
bucha no derradeiro stertor.

Feriu o outro mortalmente  
e corre, o malvado!

Cinco minutos depois co-  
meça a terrivel agonia. O  
navio estortega nas vascas  
derradeiras; as aguas abrem-

lhe o seio e fecham-se rapida-  
mente sobre o cadaver.

Agora a luta dos naufrago-  
s.

Não...Desviemos os olhos  
deste quadro. Tem luz de-  
mais. Deslumbra. A luz do  
inferno de Dante produzindo  
vertigens de horror.

Nem uma esperança—é a  
ultima nota dessa marcha fu-  
nebre!

« E neste abysmo fundo de amarguras  
Uma esperança vale uma jangada... »

Paz aos que dormem amor-  
talhados no lençol das aguas  
e aos que tem por tumulto as  
camaras brancas do areal da  
praia.

J. L.

**JESUS**  
Foi num tempo remoto. A um canto da Judeia,  
Não longe desse mar que a morte na onda envolve,  
Ao pé desse outro oceano, em que a infinita areia,  
Em vastos turbilhões, medonho se revolve;

No tempo em que no Olympo os deuses recolhiam  
As almas dos heroes, e os Cezares sagrados  
Semi-deuses crueis, aos povos conquistados  
Com terrificas leis soberbos oprimiam;

Nesse tempo obscuro, em que o saber humano,  
O escravo consagrava ao ganho do tyranno,  
Era a guerra entre irmãos o tom dominador;

— Um prodigio se fez! Um homem santo, um sabio,  
Do alto de uma cruz, deixou cair do labio  
Esta legenda santa:—Liberdade e Amor.

V. BRIGIDO.

## O padre Francisco Pinto

OU

A primeira catechese de indios

No Ceará

POR

PAULINO NOGUEIRA

(Continuação do n.º antecedente)

A Ibiapaba era povoada de  
muitas tribus tapuyas (40),

(40) Litteralmente quer dizer—fu-  
gidos da aldêa; de «taba» aldêa e

que rendiam vassalagem aos  
tobajáras, doceis e trabalha-  
dores, que cultivavam a man-  
dióca, o milho e outros legu-  
mes. (41).

Mandaram os padres alguns  
conterraneos delles para no-  
ticiarem-lhes a chegada da  
expedição catechista e apre-  
sentarem-lhes da parte dos  
missionarios seus *cubé-catús*  
(42), acompanhados de presen-  
tes, tal qual tinham procedi-  
do na aldêa do Ceará.

O expediente produziu o re-  
sultado desejado. Concorre-  
ram todos os Principaes to-  
bajáras a encontrarem-nos, e  
tão satisfeitos ficaram de vél-  
os, sobre tudo ao Padre Pin-  
to, tão respeitavel, doce e pe-  
rito na lingua delles que,  
cheios da maior confiança, le-  
varam-nos logo para a sua  
principal *taba* (43), onde reco-

«puyr» fugir; e livremente—gentio,  
inimigo, barbaro. A principio *ta-  
puya* era o termo com que se signi-  
ficava genericamente todo e qual-  
quer indigena, ainda que oriundo  
de raça diversa (Lisboa, «Apont. pa-  
ra a Hist. do Mar. Obras», Tom. 2.º  
pag. 198), os proprios europeos em  
estado de guerra (G. Dias, «Braz. e  
Ocean.» cit. pag. 10, nota 1.ª), ou  
os indios vencidos pela grande ra-  
ça invasora, a dos tupynambás. Pi-  
nheiro Chagas, *A Virgem Guara-  
ciaba*, pag. 255, nota 16. Hoje já é  
termo admittido em portuguez, co-  
mo se vê em Moraes, «Dic. Diz-se  
«tapuya» o homem gentio, e *tapuya*  
a mulher gentia. Dr. Martius, *Glos.*  
cit. pag. 88, not. 2.ª No Pará já é  
synonimo de «servo»: pede-se, en-  
gaja-se um para seu «tapuyo» ou  
«tapuya», conforme é homem ou  
mulher indigena. Dr. Amazonas,  
«Romance hist. do Alto Amasonas»  
nota 14.

(41) Alfonse de Beauchamp, «Hist  
du Brez.» Tom. 1.º, pag. 44, Arari-  
pe, pag. 15 e 17, Catunda, pag. 54.

(42) Litteralmente quer dizer—vin-  
das boas; livremente--lembranças,  
saudades.

(43) Claudio de Abbeville cit Cap-  
12, pag. 80, chama à essa aldêa--  
*Ararenda*, que deve ser corruptella  
de *Irarana* mel falso, parallelo a  
*Irapuam* Melredondo, nome de um  
dos caciques que dominavam as tri-  
bus da Ibiapaba.

Diz o Padre André de Barro «que  
na noute em que entraram os Jesui-  
tas na Viçosa, junto da casa onde

braram animo e força para entrarem logo no cultivo da vinha do Senhor, em cujo nome fallaram-lhes, encontrando-os nas melhores disposições de espirito. Deram então começo á catechése, levantando capellas e cruces, baptisando, confessando e doutrinando incessantemente nos templos e fora delles.

E' inexplicavel a unção religiosa com que esses barbaros ouviam as predicas do angelico padre Pinto, cujo nome por suprema expressão de affecto corromperam logo em *Pai Pina* (44), por que tornou-se geralmente conhecido entre elles. Si o ouviam, melhor praticavam o que elle recommendava, observando restrictamente, com mulheres e filhos, todos os preceitos e mandamentos da lei de Deus.

Fazia excepção da regra, como a noite do dia, uma tribu tapuya, industriosamente rebelde ao que dizia respeito ao christianismo e aos seus ministros, chamada *tocarijús* (45).

Industriados por Satanaz, que se gaba de ser logico — *Ed*

estavam, ouviu-se um grande setrondo que abalou os penhascos da serra. Foi o signal da retirada do demonio, que alli era visto pelos indios em figura medonha e afogueada." "Vida do Apostolico" Padre Antonio Vieira da "Companhia de Jesus" Liv. 1.º pag. 176.

(44) Padre Vieira, "Rel. da Mis" cit. Cap. V.

(45) O Dr. Pedro Theberge, "Esboço Historico sobre a Provincia do Ceará, Parte 2.ª, escreve *tucurijú*, visivelmente erro typographico; mas todos os mais escrevem *tacarijú*, excepto o Padre Antonio Vieira, que escreve *tocarijú*, orthographia que segui em homenagem à sua grande autoridade. Pode ser tambem uma ou outra. Si *tacarijú*, será corruptella de *taquára* e *jú* espinho, poncta: poncta de *taquára*. Se *tocarijú*, significará--espinho escondido; de *tocari* participio do verbo *tocar* encobrir e *jú*: etymologia mais conforme com a indole perversamente refohada e traiçoeira destes barbaros.

*io son logico* (46), os seus *pa-jês* (47) viviam constantemente a levantar objecções aos padres, manifestamente denunciando o estado de rebeldia de seus espiritos á santa doutrina de Jesus Christo,

Um, por exemplo, objectava que só se baptisaria quando Deus encarnasse segunda vez em uma *donzella tapuya* para remir a sua raça; pois da primeira tinha encarnado em uma branca para remir a raça branca. Outro, que Deus havia ainda de dar uma volta ao mundo, subindo a terra, e descendo o Céu, para os indios poderem dominar, como os brancos dominavam agora. Outro, finalmente, a quem se fallara das penas do inferno, á que ficaria sujeito, como os judéus, se não se emendasse: « *Mande ao inferno os judéus que mataram a Jesus Christo, não a nós que não lhe fizemos mal nenhum; porque nos manda ao inferno sem razão?* Na veneração dos templos não eram menos impenitentes. Chamavam a igreja — *igreja*

(46) Dante, "Divina Comedia", "O Inferno". O satanaz 'Mephistophelles) de Goethe é menos pedante, porem mais desabuzado, dando contas deste mundo ao Padre Eterno:

...Eu, rhetoricas sublimes,  
é couza que não gasto, e mesmo  
(escuso  
deste Augusto congresso expor-me  
(às vaias.  
Co'o meu "pathos" tu proprio te re-  
(rias,  
a não teres perdido esse costume.

Sei cá palavrariar de soes! de mundos!  
Toda minha sabença é perder ho-  
(mens.

"Fausto, Traducção do Visconde de Castilho", pag. 17.

As tribus da Ibiapaba obedeciam tambem ao Cacique *Taguaybunuçú* (como escreve o Padre A. Vieira) ou *Jurupariguaçú* (como se escreve geralmente) litteralmente--"bocca torta grande" elivamente--"Diabo grande" ou "Grão Diabo", que nunca foi alliado sincero dos portuguezes, mas sim dos francezes.

(47) Litteralmente quer dizer--o que diz o fim; livremente--sacerdote, propheta, feiticeiro, curandeiro.

*de moanga* (48), que quer dizer—*igreja falsa*, e a doutrina della—*morandubas dos Abares*, isto é, *patranhas dos Padres* (49).

Com uma paciencia evangelica, não tinham todavia os missionarios perdido ainda a esperanza de tirarem agua pura dessas rochas vidas; mas precisavam de mais tempo, que era ainda o instrumento que lhes faltava empregar, e de que esperavam bom resultado.

Faziam, porem, cinco mezes que se achavam missionando na serra, e maior demora contrariaria prejudicialmente os seus formados designios de se acharem na ilha do Maranhão em tempo certo e breve. Já podiam partir, dizendo com o prophético Anchieta pela bocca do poeta inspirado:

... Não tarda o dia  
Que estes amplos sertões, estes desertos  
Se cobrirão de granjas e herdades,  
De ferteis plantações. Um povo livre  
Será senhor das terras planturosas,  
Onde, pobres romeiros, levantamos  
Nossas precarias, miseraveis tendas.  
Não importa! Lançamos, os primeiros,  
A semente da fé por estes ermos!  
Hasteamos o labaro divino,  
Sobre estes verdes montes conquistamos  
Em nome de Jesus estes desertos,  
E o deserto maior das consciencias  
Desta raça feliz! (50)

Resolveram, portanto, partir, deixando aos seus neophi-

(48) Da corruptella deste vocabulo, que se encontra na "Rel. da Mis", citada do Padre Vieira, Cap. 13, é que provém "muamba", termo que se tornou muito vulgar e celebre entre os retirantes da secca do Ceará de 1877 a 1879, com a significação de "velhacada". Em Ivens e Capello, "Viagens de Benguela à terra de Jãca" Vol. 1.º pag. 11 e 69. vem a estampa de uma especie de cesta comprida, uzada n'Africa pelos naturaes para suas viagens, como a nossa maca, chamada *Mu-hamba*. Mas não é nesse sentido innocente que se deve tomar o vocabulo do uzo cearense.

(49) Padre A. Vieira, "Rel. da Mis" cit. Cap. 13, e Alfonse de Beau-champ; "Histoire du Brésil, cit. Tom. 1.º, pag. 44.

(50) Fagundes Varella, "Anchieta ou o Evangelho da Selva", Cap. X, pag. 332.

tas tobajáras as recommendações que seu zelo religioso lhes ditava ; aos malvados tocarijús, porem, mandaram, em despedida, um presente de miudêzas por dous indios de sua comitiva, e seguiram viagem com mais oito, tupynambás, tobajaras e o petiguar, que os havião acompanhado desde o Ceará, todos dez seus fervorosos cathecumenos.

O presente foi o toque de rebate entre esses selvagens, ou antes, a faina chegada á polvora.

Convenceram-se pelo que receberam que os padres se retiravam com muitas couzas, e decidiram-se por isto desde logo a matal-os para roubal-os, começando de matar alli mesmo a um dos indios portadores, e deixando vivo o outro em quanto lhes servisse de guia até á pouzada dos padres, que ignoravam.

Estes ha dous dias andavam de viagem, viagens pequenas, porque a idade avançada do Padre Pinto e os pessimos caminhos não permitião-lhes maiores ; de modo

-----  
Talvez seja agradável ao leitor conhecer também a seguinte parte de um projecto da deputação do Ceará, apresentado à Camara Temporaria e datado de 12 de Novembro de 1827 :

" Convindo dar educação litteraria à mocidade das duas provincias Piauhy e Ceará, as mais destituidas de elementos de instrucção, e sendo impraticavel crear presentemente, pelo estado actual de ffinanças, em cada uma um seminario ; lembião e propõem a creação de um pequeno Lyceu, com as cadeiras de preparatorios de que faz menção a lei novissima dos cursos juridicos, no lugar de Villa-Viçosa, que fica em cima da serra da Ibiapaba, fertil, ameno e fresco, proximo a um porto de mar, limite das duas provincias, ás quaes pode ser de commum utilidade. Para o estabelecimento do referido Lycêo existe alli a Casa Collegial dos extinctos Jesuitas, dependente de alguns reparos ; e para patrimonio e subsistência seria bastante adjudicar-lhe a administração e rendimentos de 5 fazendas de gado illegalmente possuidas sem Beneficencia Imperial."

que estavam ainda á pouca distancia da aldeia, hoje cidade da Viçosa.

## O MORPHETICO

A. CRUZ E SOUZA

Sempre fôra muito rubro.

Uma vez, entrou da rua fatigado e metteu-se n'um banho frio.

Tingiu-se-lhe a pelle de rôxo, engrossaram-se-lhe os tecidos.

O rosto maculado engurgitou-se, tomou um aspecto encalombado e feio, como se tivesse passado uma noite de calma, em um rio, n'uma atormentação de mosquitos.

As orelhas encorporaram-se prodigiosamente, e o nariz, violacio, entumescceu de maneira saliente, brutal, dilatando as narinas.

As conchas das palpebras espessaram se, reviráram-se, n'uma tumidez enorme, conservando os olhos uma humidade mucosa, pelladas as sobranças.

A bocca tumefacta contorcera-se n'uma tromba, d'onde manava uma saliva ichorosa, tórpe, putrida. A pelle gretára-se dissorando pus.

Tornára-se medonho ; sentia vergonha de si proprio, não apparecia a ninguem.

Só furtivamente, de um modo tímido, chegava ás janelas dos fundos, para ver o mar.

Andava enclauzurado na sua vida de tumulto.

E, entretanto, amava apaixonadamente a vizinha que lhe ficava em frente—uma rapariga, morena, esbelta, de boa carnadura, e que costumava conversar com elle outr'ora, nos tempos felizes.

Já lá iam dous annos que elle não a via !

Que angustia ! saber que ella estava alli, tão perto, do outro lado da rua, e nem ao menos poder espial-a, temendo ser visto !....

E vinham-lhe, então, desesperamentos horriveis, blasphemias, berros de desgraçado contra Deus, irritações de atheu ; e, depois d'isso, um certo temor raligioso, um remorso afflictivo, uma idéa muito viva da providencia, que fazia o seu coração torturado palpitar, dizer intimamente, baixinho :—eu creio em ti, ó Deus !....

E quedava-se demoradamente, n'uma immobilidade de magnetizado, enterrado n'uma cadeira de braços, velha, de assento de lona, perdido em um scismar profundo, o rosto tombado sobre a mão, n'um arrepanhamento de feições que lhe torcia a bocca, tornando-o medonho, com o olhar figgado no chão, sem movimento, como o de um sujeito masturbado.

Permanecia assim horas inteiras.....

E a proporção que a molestia avançava implacavel e feroz, elle sentia avolumar-se, avolumar-se muito, dentro do peito, aquelle amor indomavel e feroso, que o incendiava todo.

Um sabbado, quando elle submergia-se por umas scismas funerarias e negras, semeadas de branquidão de sepulchros e cantos esmorecidos, tetricos, de aves agoueiradas — ruidos espalhafatosos de carros que se approximavam, estremecendo os prédios, ergueram-lhe na imaginação uma lembrança terrivel d'ella, da suave creatura que o fazia viver ainda, e por quem elle era perdido, perdido....E, arastado por um presentimento,

extraordinario, atirou-se audazmente á janella, ante os olhares espantados de todos, e, ahi, aparvalhado, tremulo, estrangulado quasi, vio-a passar, n'um carro ornamentado de rendas, ao lado de um sujeito encasacado, descoberto, de claque e luvas, — magnifica. com uma grinalda de flôres de laranja a apertarlhe a cabecinha de virgem e um vestido de gorgurão branco a contornar-lhe estheticamente as fórmãs, enchendo o carro d'uma fartura transbordante de prégas.

Então retirou-se mudo, cambaleante, sinistro, animalizado, cahindo sobre a cama de bruços, n'uma dor omnipotente e sobrehumana, varado, n'um trespassamento de magoas supremas e infinitas!

VIRGILIO VARZEA.

## A MULHER NA FAMILIA

(Conclusão)

Uma lingua que balbucia, uma face que córa, um olhar que se perturba são para ella indícios de uma má acção que é preciso conhecer e cuja repetição deve ser evitada para que não traga serias consequências.

Então, com a doçura que só ella pessue, com essa previdencia quasi divina, segue os passos vacillantes do filho e cercando-o de uma prudente vigilancia consegue desviar-o do mal.

O menino molda-se á sua vontade, á sua influencia, e guiado pelo amor solícito e desvelado que ella lhe dedica cresce nas melhores disposições, e tornando-se homem, si encontra na esposa a mesma ternura prosegue na senda do bem, da qual só o poderã afastar o turbilhão de paixões desencadeadas e furiosas.

Elle pode resvalar uma vez, mas é sustido á borda do abysmo por uma angelica e carinhosa mão. Retrocede, e vae buscar no asylo que abandonou um instante o esquecimento de sua loucura.

A mulher digna de sua nobre missão transforma o lar em um paraíso e consegue com um sorriso desviar delle todas as afflicções, desterrar todas as tristezas.

Com uma assisada economia mantém o equilibrio dos negocios domesticos, e colloca as despezas ao nivel dos meios de que o marido pode dispôr.

Desdenha os ornatos frivolos, e faz das boas maneiras e das graças que dá a educação a par da amabilidade, o seu principal adorno.

Encarrega-se de instruir o espirito dos filhos, e para isso deve possuir uma boa somma de conhecimentos uteis e uma instrucção aprimorada.

Nos agradaveis serões familiares entretém com os dotes de sua intelligencia o prazer e a união, evitando assim que o marido e os filhos vão procurar frequentemente em outra parte as distrações que podem ter ao lado della, e em um delicioso concheço solidifica o edificio de sua felicidade, e estreita cada vez mais os laços formados pelo sangue e pelo amor.

Não quero dizer com isto que ella se abstenha de frequentar a sociedade e que se encerre em casa, o que seria monotono e fastidioso.

Deve pelo contrario cultivar boas relações, tendo, porem, o maximo cuidado em escolhel-as, porque assim como uma amiga sincera é um thesouro de raro valor, tambem uma amiga fingida é uma serpente que mais cedo ou mais

tarde inocula o veneno de sua alma n'aquelles com quem convive.

A bôa esposa auxilia em todas as occasiões com prudentes conselhos o companheiro de sua vida, e nunca o inibe de tornar-se util á sociedade e a seus semelhantes por um exagerado egoismo e um excessivo affecto mal entendido.

E' ella a primeira a dizer-lhe o que deve fazer, e tornar facil o que lhe parecia difficil, a compartilhar as decepções e prazeres que lhe sobrevenham nas alternativas da vida, sendo sempre a amiga desvelada e carinhosa prompta a derramar gotta a gotta o amor que se alberga no seu coração sobre a existencia d'aquelle a quem ligou a sua.

Não será mil vezes mais glorioso desempenhal-o e fazer da creança um homem util á patria e á familia do que sentar-se nos bancos de academias em busca de um pergaminho, ou acompanhar os vaevens da politica, duende fatal que deve ainedrontar até os animaes varonis?

Não será mais proveitoso para a mulher entreter-se horas e horas a cuidar das lides domesticas e a velar pelo bem estar da familia do que entregar-se ao desempenho de cargos publicos, nos quaes gasta a saude e anniquila o espirito?

Longe vae felizmente a era obscura em que ella agrilhoada ao mais cruel preconceito e sob o jugo de uma lei barbara era uma escrava, um simples objecto de luxo para o homem.

Hoje existe por si mesma, conhece seus deveres, pode dispôr de luzes sufficientes para não se perder na noute da ignorancia, e fazendo do lar o seu mundo, concentrando na familia as suas mais caras aspirações viverá feliz e fará a felicidade dos outros.

Educae, pois, a mulher, ajuntae aos dotes naturaes que a embellesam os encantos de um espirito cultivado, avigora-lhe os bons sentimentos, torna em fim digna de educar os filhos e preparal-os para a vida completa, e ella será um diamante de inexcedivel valor, a lampada maravilhosa a espagir luz em torno do lar, a fonte de onde dimanarão a prosperidade e a ventura de familia.

F. CLOTILDE B. LIMA.



### UMA OBSERVAÇÃO

E' bem notavel e accentuado o facto de, por toda parte, levantar-se uma intermina reclamação contra isto que todos conhecem sob o nome millenario de—rhetorica. O jornalista, o poeta, o orador, o philosopho, o estadista, o financeiro, mesmo o rhetorico, todos, até o esculptor, se adunão n'uma grita infrene, enorme contra ella.

Terá razão de ser esta terrivel animadversão?...

Estará findo, definitivamente o imperio da forma, para ser inaugurado o do espirito puro e simples, da idéa nua e positiva?

Teria vencido Baudelaire?

Custa nos muito crer... E basta um rapido olhar sobre o movimento litterario contemporaneo para guardarmos a certeza, firmarmos a nossa convicção de que, nunca a rhetorica teve dominio mais dilatado e mais formidavel, uma soberania mais absoluta. Tem invadido tudo, a analyse do sabio, a ode do poeta, as prelecções do jurista e as informações dos ministros.

Donde provem, pois, esse grande odio, si ella é tão querida, tão amada e tão festejada?

Diz se por ahi, n'um fremito de mil emoções boas, que o nosso tempo é o da luz, do progresso, da electricidade, do vapor, da usina, e da nevrose.

Parece-nos mais opportuno, mais acertado, dizer que elle é o seculo da rhetorica, por isto mesmo que é de tudo aquilo.

A rhetorica é a lei da forma, porque a forma é o vehiculo mais viavel da idéa. N'um tempo de labor incessante, da vertigem do movimento, só poderá attrair a attenção publica, preocupada com tantas cousas diversas, aquella idéa que trazer uma roupagem tão scintillante que os seus tons se destaquem no meio do tumulto.

Desta verdade estão convencidos aquelles mesmos que bradão contra a impeccabilidade da forma.

Não se deve concluir d'aqui que o escriptor occupe-se exclusivamente do cinzelamento da phrase, do arredondamento do periodo, do esculpturamento dos livros. Isto já não seria rhetorica, seria... cousa nenhuma.

Alem disto, é pensar nosso: não se poderá nunca ourivesar uma phrase elegante, sem uma idéa pelo menos gentil. Um livro bem pensado é necessariamente um livro bem escripto, e sua rhetorica será tanto mais digna, quanto mais elevada for a idéa que ella representa.

Só a belleza é immutavel. E ha nada mais bello do que uma bella ideia enroupada n'uma phrase bella?

Mas a forma passou... dizem.

Não passará nunca! afirmamos. Ainda hoje sentimos a perfeição technica da Eneida e da Divina Comedia, e sobre ella já rolarão seculos.

Deem a um livro o aprumo,

a elasticidade, a elegancia de estatua; correcto, fino, superior. e elle passará atravez das idades, aos applausos dos que tem bom gosto, e senso esthetico.

E' verdade que ha duas rhetoricas: uma sabia, sensata, convencida, agil, fresca, que é o utencilio dos grandes operarios da intelligencia; outra presumida, vulgar, casquilha, balôfa e pulha, que é a mania estylistica dos mediocres, dos Acacios, dos Wagner no Fausto;—uma rhetorica idiota.

Si é contra esta que se rebrame, aqui estamos para ajudar aos que pelejão para estrangularem-a. Façamos um auto de fé contra ella, que é uma malfeitosa; que se insinua como uma nodosa oleosa, no bom gosto, no senso commum; que vive pelos jornaes pregando moral, pelos annuncios apregoando drogas, pelos tribunaes objurgando «em nome dos sacrosantos principios»: por toda parte, entonada, formalistica, condecorada, microfica, catholica, impavonada: arrastando o seu longo e bafioso manto de velha atriz impotente.

Contra esta rhetorica, muito bem; guerra de exterminio.

Contra aquella, porem, que vestio os cantos de Homero, os versos de Virgilio, os tercetos de Dante, os fulmineos annaes de Tacito; que atravessou os seculos, portadôra de todas as joias do espirito humano, e que ainda hoje floresce, eternamente primavel e radiosa, nas brilhantes paginas que esta geração vae lançando febrilmente aos quatro ventos; contra esta rhetorica, não! Toda aggressão será um mal, será um crime contra o bom senso esthetico.

L. CABRAL.

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,  
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N. 7

FORTALEZA, 15 DE ABRIL DE 1887.

## SUMMARIO

O padre Francisco Pinto ou a primeira catechése de indios no Ceará—PAULINO NOGUEIRA.

O papel da poesia—R. FARIAS BRITTO.  
Estrada á fóra—VIRGILIO VARZEA ;  
A paixão—RODOLPHO THEOPHILO ;  
A melhor cartada—OLIVEIRA PAIVA ;  
Mors Amor—JANE DAVY ;  
Da côrte—MARIO.

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

#### CAPITAL

Trimestre . . . . .	2\$000
Semestre . . . . .	4\$000
Anno . . . . .	8\$000

#### INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre . . . . .	5\$000
Anno . . . . .	10\$000

#### ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 36

## O padre Francisco Pinto

(U)

A primeira catechése de indios

no Ceará

POR

PAULINO NOGUEIRA

(Continuação do n.º antecedente)

Raiava o sempre memoravel dia 11 de Janeiro de 1608, em que se executou n'aquellas selvas uma das tragedias mais extraordinarias e sacrilegas da humanidade. O Padre Pinto, ao pé do altar portatil, estava-se revestindo para celebrar a missa, e o Padre Figueira, um pouco distante,

resava seu breviario : é quando assomam as hordas barbaras dos tocarijús, fazendo-se preceder de horrorosa *pocéma* (51), urros terriveis, signaes certos do rompimento de guerra entre elles.

Então o sol alumiou n'aquellas brenhas a lucta mais heroica e desigual, que só o Céu consentio ; porque, como diz S. Agostinho, Deos é tão grande nos arcanos da sua Providencia que não permite o mal sinão porque delle sabe derivar o bem. E a verdade só quer martyres para servos, porque só com o sangue d'alma é que ella pode conquistar-se (52). O mesmo Senhor fez seus martyres, disse-o S. Paulo em sua Epistola aos fiéis da Galacia.

Cinco dos indios da comitiva, menos animosos, correram para o Padre Figueira e internaram-se com elle pelo matto a dentro, afim de salvar esta vida preciosa, que estava reservada para ter mais tarde, 28 annos depois, o mesmo martyrio que ia soffrer seu dilecto companheiro. Os trez, que ficaram, foram verdadeiros heróes, fazendo dos seus corpos perfeitas fortalezas em defeza de seu es-

(51) Litteralmente quer dizer bater de mão ; de "pó" mão e "cema", clamar, gritar, bater. Livrementemente : vozeria, com que já passou para o Dictionario de Moraes. Era o signal de guerra ou festa dos indios.

(52) Didon, "Sciencia sem Deos" Traducção de D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro, Bisro de Lycopolis e Prelado de Moçambique, Cap 1.º pr.

tremecido *Pai Pina* contra tantos barbaros desalmados !

Bem pudéras, oh Sol, da vista destes  
Teus raios apartar áquelle dia,  
Como da seva meza de Thyestes,  
Quando os filhos por mão de Atéu co-  
[mia ! (53)

O fiel petiguar, de nome Pedro, cahiu primeiro que todos victima de muitas e mortaes feridas ; o tupynambá, chamado Antonio, morreo a poz sete penetrantes golpes ; por ultimo o tobajára *Iyachumirim*, ou em portuguez, *Agua pouco quente*, vendo tudo perdido, investio ainda mais desesperadamente contra os ferozes aggressores, gritando:--«*Não quero viver morrendo o meu padre !*» e foi logo atravessado no peito por uma setta, que o prostou por terra sem vida.

Não restava mais agora no campo da batalha sinão o manso cordeiro já um tanto ferido, para ser immolado á furia canibal desses brutos matadores ; o que quer dizer que quasi nada mais faltavalhes. Deram-lhe então na cabeça trez grandes golpes com um páu de «jucá» (54), despe-

(53) Camões, *Luziadas*, Cant. 6, Est. 133, Episodio da morte de Ignez de Castro.

(54) Quer dizer—matar ; porque com este durissimo páu era que de preferencia matavam as suas victimas. Este páu o padre Figueira levou-o, como reliquia, para o Collegio da Bahia, onde perdeu-se, em 1624, com outras reliquias, quando os Hollandezes invadiram a cidade.

(55) Sem melhor fundamento, Varnhagen, na sua *Hist. cit.*, Tom. 1.º, pag. 315, descreve assim a morte do padre Pinto.—«Seguiram para o

daçando-lhe o queixo desde a orelha até a barba, e assim tiraram-lhe a vida, sendo preciso, diz o Padre José de Moraes, tão larga porta para por ella poder sahir tão grande alma, e aquelle mais que agigantado espirito ir gozar no Céu, com a aureola de tão gloriosa morte, o merecido premio dos seus apostolicos trabalhos. (55) Desta forma, no mesmo logar, onde o innocente cordeiro ia offerecer a Deus o sacrificio do corpo e sangue do Unigenito Filho, ahi mesmo offereceu seu proprio corpo e sangue (56) «Suscipiat

norte à pequenas jornadas, e pela Paschoa se avistaram com os Aldeados (Tabajaras) da Ibiapaba, alguns dos quaes com varios francezes se lhes uniram. Acaso estes menos afortunadamente, pois, ao que colligimos, trataram de desacreditar o ar de santidade que dava o padre Pinto, a quem os indios, segundo o testemunho de um escriptor veridico, uma vez deixaram cahir de rede n'um pantano, e faltaram a lhe acudir, quando ferido no ataque de uma flecha no pescoço, e dependurado por um pé, consentiram que os contrarios o acabassem de matar com um dardo ou pua de taquara.»

Foram transcriptos aqui no *Cearense* n. 45 de 28 de abril de 1880 uns artigos da *Provincia do Pará* sob a epigraphe—Apontamentos Historicos—Expedição de dons padres Jesuitas ao Ceará—, os quaes dão tambem a morte do padre Pinto de modo differente, seguindo, como Varnhagen, a Claudio de Abbeville cit., Cap. 12

Preferi a versão dos padres José de Moraes e Antonio Vieira, que esteve na Ibiapaba, por mais conforme com a verdade historica, que faz plena justiça aos tobajaras, leaes catecumenos dos Jesuitas e implacaveis vingadores da morte do seu idolatrado Pai-Pina.

Na mesma inexactidão cahe Pompêo, *Ens. Est. cit.*, Tom. 2, pag. 258, dando os tobajaras por assassinos do padre, quando foram elles quem vingaram-lhe a morte!

(56) Padre A. Vieira, *Rel. das Mis. cit.*, Cap. 1. Assim mesmo diz Beauchamp, *Hist. cit.*, Tom. 1, pag. 40: «Os tapuyos da Ibiapaba jámais mataram prisioneiro algum de guerra, e todo inimigo que chegasse a pôr-se sob sou abrigo em uma das suas choupanas, estava salvo. Ainda não houve tapuya da Ibiapaba que violasse este sanctuario de be-

te Christus, qui vocavit te».

Quanta abnegação e sacrificio ha na vida do missionario! Quando um homem, á vista de um povo inteiro, sob os olhos dos seus parentes e amigos, se expõe á morte por sua patria, troca alguns dias de vida por seculos de gloria; illustra sua familia, e eleva-a ás riquezas e honras. Mas o missionario, cuja vida se consoine no fundo dos bosques, que morre de uma morte cruel, sem espectadores, sem applausos, sem vantagens para os seus, obscuro, desprezado, tractado de louco, de absurdo, de fanatico, de tudo isto, para dar uma felicidade eterna a um desconhecido selvagem, exclama com rasão Chateaubriand, com que devera designar-se esta morte, este sacrificio?

Tambem importantissima é a sua missão pelo lado civilizador e scientifico. Os missionarios cahem em bandos numerosos sobre as regiões novamente descobertas, civilizando os povos selvagens, estudando, descrevendo o paiz. O desenvolvimento do zelo apostolico é um dos traços dominantes do seculo XVII, mas devemos tambem reconhecer tudo quanto a geographia e as sciencias historicas devem a esses homens dedicados, instruidos e modestos. O viajante não faz mais do que passar, o missionario permanece no paiz, e tem evidentemente muito mais facilidade para adquerir um conhecimento intimo da historia e da civilização dos povos que estuda. É pois mui natural que lhe devamos narrações de viagem, descripções, historias ainda consultadas com

nefca hospitalidade, por mais que fosse sua colera, por mais justo que fosse seu resentimento!»

proveito e que tem servido de base aos trabalhos posteriores (57).

Os juitas foram inquestionavelmente incomparaveis no zelo apostolico, com que se empregaram na catechese dos indios. Trabalhos incompreensíveis, cuidados aturadissimos e grande paciencia foram necessarias para fazer o selvagem passar da vida errante e agreste para o estado de civilização. Esse prodigio só podiam operar estes religiosos, que haviam adquerido certo heroismo christão, e a difficil arte de fallar aos corações e animos ferozes em tal gráu, que jámais foram iguallados. A santidade dos motivos, tirados da propria instituição, as virtudes manifestadas pelo Jesuitas, e o espirito de perseverança enraizado na sociedade jesuitica deram á essa associação força e vigor tal, que ella suprepou e eclypsou a quanto neste objecto fizeram as demais congregações religiosas no Brazil (58).

57) Julio Verne, *Historia das Grandes Viagens e dos Grandes Viajantes*, pag. 211.

(58) Visconde de S. Leopoldo, *Anaes da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul*.

O leitor, que acaba de apreciar os relevantissimos serviços da Companhia de Jesus no Ceará, não desdenhará de ler os seguintes importantes documentos ineditos, dos quaes consta a «Extincção dos Jesuitas» na Capitania do Ceará, celebrada com *Te-Deum*:

—«O padre Francisco Xavier Marreiros da Silva, Presbitero do Habito de S. Pedro, Parocho na Igreja Matriz de N. S. d'Assumpção da villa da Fortaleza e Vigario Geral em toda esta comarca do Ceará-Grande pelos Illms. e Rvdms. Srs. Governadores deste Bispado de Pernambuco: Certifico que recebi os exemplares, Carta Regia e a Bulla da extincção dos denominados—Jesuitas, no dia 5 ás 7 horas da noute do presente mez e anno, e no dia 6 do dito mez e anno publiquei esta e cantou-se um *Te-Deum Laudamus* no dia 15 do mesmo mez, e no dia 19 do dito mez e anno remetti os ex-

## O papel da poesia

L'inspiration, le je ne sais quoi, ce qui va à l'idée et qui frappe l'âme, sont des mots écrits en caractères noirs sur des nuages bleus.

PROUDHON.

(Continuação)

Aquelles que consideram a poesia como uma falsa applicação da actividade mental em prejuizo dos esforços reaes e verdadeiramente fecundos do espirito, poderão, falseando o espirito d'estas considerações, formular uma objecção poderosa.

De facto ha ahi um certo que de extra-utilitario que não poderá agru-

emplares, Carta Regia e Bulla ao Rvd. padre Antonio de Aguiar Pereira, vigário da freguesia de S. José de Ribamar do Aquiraz; ficando todos os exemplares, ordem, carta regia e bulla registrados nos livros dos registros, que servem nesta freguesia de fls. 350 à 490. Passo o referido na verdade, e juro de baixo do cargo de meu officio. Villa da Fortaleza de N. S. d'Assumpção aos 19 de Fevereiro de 1774. O padre Francisco Xavier Marreiros da Silva, Cura na Villa da Fortaleza e Vigário Geral da comarca do Ceará-Grande."

— "Carta Circular para os Rvds. Parochos deste Bispado de Pernambuco, principiando da Villa da Fortaleza do Ceará até à ultima que se comprehender na comarca e districto da Capitania do Ceará, como nella se declara.

"O. Exm. e Rvdm. Sr. D. Frei Francisco d'Assumpção e Brito, por Divina Providencia Bispo deste Bispado de Pernambuco, nas Instrucções que me incumbiu do que devia praticar a respeito das solemnes graças que devemos dar ao Altissimo pelo beneficio de haver suprimido o nosso Santo Padre Clemente XIV, ora reinante na universal Igreja de Deus a Companhia chamada de Jesus, confiando do meu zelo e fidelidade a execução deste tão importante negocio, me ordena faça expedir para todo este Bispado as ordens necessarias para que em cada uma das suas igrejas matrizes sejam lidos sem perda de tempo em occasião de maior concurso de povo a Carta Regia, que sua Magestade Fidelissima foi servido escrever-lhe, e juntamente a Bulla da extincção total da sobredita Companhia, a rasão pela qual com esta remetto a Vmcê. as sobreditas Carta Regia, Bulla Pontificia e lei e as lettras do mesmo nosso Exm. Pre-

dar àquelles a quem o habito das discussões positivas e a exaggeração pelo systema materialista tem feito sectarios da dogmatica do egoismo. Sabe-se que é justamente isto que principalmente caracteriza o pensamento moderno: nota-se na generalidade dos escriptores uma tendencia mui pronunciada para o aniquillamento de todas as manifestações do espirito, que não tiverem por fim a satisfação das necessidades physicas ou exclusivamente intellectuales, isto é, que não tiverem por fim o conhecimento da economia.

lado, que vão insertas no corpo do meu Edital, que tambem vae com esta, o qual se publicara na forma nelle expressada, e conservará affixado no lugar publico da Igreja até o dia da lição das sobreditas Carta Regia, Bulla Pontificia e lei, estando porem de forma que se não dilacere, a fim de ser remettida com esta e com os sobreditos exemplares para as mais parochias a que pertencer, e de que assim se executou me remetterà Vmcê. certidão, e na mesma forma do dia, mez e anno em que recebeu esta com os exemplares e edital inclusos do dia, mez e anno em que se remetteu para a parochia mais visinha, que será a da villa do Aquiraz, seguindo por diante as mais que se comprehenderem na comarca e districto da Capitania do sobredito Ceará Grande. E, como nestas indispensaveis demonstrações deva V. Mcê. conformar-se com o que se praticou nesta Cathedral, depois da lição dos sobreditos exemplares, fará cantar o *Te-Deum* com a maior solemnidade que permittir o lugar dessa parochia, e com toque de sino, que tambem haverá de noute, acompanhando as luminarias que devem ser por tres dias successivos; e por ultimo o Rvd. Parochio, a quem a presente é dirigida, me remetterà com os exemplares, que com ella vão. Da fidelidade e zelo de V. Mcê. confio se execute todo o sobredito, sem perda de tempo. Aceite V. Mcê. os ardentes desejos que tenho de que lhe assista a graça do Senhor para me ajudar com zelo e fervor neste ministerio. — O. linda, 16 de Dezembro de 1773. Do Governador e Vigario Geral do Bispado — Dr. Manoel Garcia Velho do Amaral."

Era tamanha a caça que por toda parte dava-se nos membros desta Companhia que fez dizer a Goethe no seu *Fausto* :

Aquelle figurão impertigado,  
ventas no ar, olhos alerta, orelhas  
fritas,  
quem será? que fareja asafamado?  
anda à caça; de que? de Jesuitas.

Traducção cit., pag. 373.

Que temos nós com a magnitude do oceano, com a belleza dos campos, a suavidade das fontes, a delicadeza das flores, em uma palavra: que temos nós com a harmonia e os esplendores da natureza?

A vida é um conjuncto de necessidades: todos os nossos esforços devem unicamente consistir em trabalhar para satisfazer-os; e os meios de trabalho reduzem-se a dous: a sciencia e a industria. Querer alguma cousa mais além disto, é deixar o terreno solido da realidade e perder-se no mundo da phantasmagoria.

A poesia, portanto, e do mesmo modo todas as bellas artes, são, senão uma divagação fóra da natureza, pelo menos um producto mental sem applicação util no mechanismo da sociedade. São para a industria ou antes para a arte no sentido restricto da palavra (arte util, manufactureira) o que é a theologia para a sciencia, uma applicação desnecessaria da energia, um esforço no vacuo.

Por mais que pareça exagerada esta conclusão, é certo que está no espirito dos principios professados por muitos auctores. Spencer, chega a ponto de confessar que tudo o que é esthetico, tem por caracter ser inutil. E Letourneau, citando esta passagem, embora declare que nunca sentença mais rigorosa foi proferida contra as bellas artes, não deixa de reconhecer que esta opinião é justa por uma larga parte.

Tanto um como o outro estará prompto na primeira occasião que se lhe offereça, para fazer a apotheose da poesia e da litteratura. Todavia as declarações d'esta ordem são importantissimas porque são nada mais, nada menos, que a confissão espontanea das consequencias paradoxas a que dão lugar os principios philosophicos que falsamente applicaram ao mechanismo da vida.

O que é verdade é que n'uma concepção rigorosamente utilitaria da sociedade, a poesia, como todas as bellas artes, não pode ter uma explicação verdadeiramente racional das funcções que exerce. Desde que a utilidade é elevada à categoria de principio ultimo, fica perfeitamente e definitivamente estabelecida a dogmatica do egoismo. O egoismo torna-se então o principio director e regulador da evolução social e deste modo é absolutamente contestada a influencia das idéas. Como pode, pois, ser salva a poesia? Ella não augmenta o grau do conhecimento e nem concorre para a submissão das forças da natureza. Para que serve pois? Para ornamentação do espirito? A utilidade repelle essa ornamentação luminosa, porem infecunda. Para disciplina? A verdadeira disciplina intellectual é a sciencia. Si são, pois, unica-

mente estas as considerações que se pode fazer em favor da poesia, pode-se desde logo estabelecer que ella não escapará incolume ao terrível—*quem vem lá*—hodierno da sciencia e da critica.

Letourneau, em sua obra—a «*Physiologia das paixões*», a proposito de paixões sensitivas, estabelece o seguinte: «*Nas suas formas inferiores as produções artisticas não tem evidentemente por fim outra cousa, a não ser procurar para o homem uma impressão agradável das mais simples. Então a harmonia dos sons, das cores, ou das linhas, é tudo numa obra d'arte e esta obra tem justamente o mesmo grau de utilidade que um bolo bem feito.*»

Accrescenta, porem, em seguida o mesmo auctor: «*Si as artes não tivessem de passar desta phase inferior, sua decadencia e sua desaparición seriam quasi fataes, pois resultariam inevitavelmente da marcha da humanidade para diante.*» D'aqui já nos podemos elevar à comprehensão da verdadeira solução do problema.

Não entram em via de conta para nós as condições psychologicas do artista mesmo. Sabe-se que a arte se torna paixão.

«*Quando o demonio de escrever me possue, diz Foscolo, é-me indispensavel trabalhar e muitas vezes me acontece escrever dezeseite horas seguidas.*»

E não é somente a paixão artistica que domina o poeta, porem uma confusão admiravel de todas as paixões humanas. Este mesmo Foscolo, conforme refere Letourneau, já em idade avançada, lançou ao desprezo as honras e a gloria e foi refugiar-se na solidão, onde queria viver sem ler, nem pensar. Satisfeito este desejo extravagante começou a experimentar uma necessidade terrível que o opprimia. Faltava-lhe na solidão uma coisa: o amor. «*Eu sinto, dizia elle, uma necessidade fatal de ser amado.*»

Leopardi desde sua primeira mocidade começou por sentir «esta tristeza doce que é mãe das grandes causas», mas, que foi logo substituida por uma grande melancholia. «*A primeira era um crepusculo, diz elle; a segunda uma noite escura.*»

E' que os verdadeiros poetas concentram em si a humanidade inteira: é a razão das emoções excepcionaes que experimentam e tambem só assim poderão elevar-se às creações maravilhosas do genio, abrindo para a humanidade as portas do ideal.

O homem collocado em face da natureza alem da necessidade de alimentação que inevitavelmente se lhe hade manifestar em virtude de suas funcções nutritivas por intermedio da fome, sentirá tambem uma outra necessidade não visivel e ma-

terial, porem de ordem muito mais elevada—a necessidade de saber que é a consequencia das suas funcções intellectuaes.

Pode-se admittir duas vidas distinctas na existencia do homem: a vida do corpo que é a sua face externa, e a vida do espirito que é a sua face interna ou subjectiva. Ambas são successivamente renovadas e reconstruidas: tal é o resultado fatal das leis que regem o organismo.

A reconstrucção do corpo opera-se por meio da nutrição, e a do espirito por meio do conhecimento.

O trabalho que garante o desenvolvimento da vida do corpo, e o estudo que assegura o desenvolvimento da vida do espirito—taes são, portanto, as condições de todo o progresso e o resultado immediato a que dão nascimento o trabalho e o estudo são a riqueza e a sciencia. Acontece, porem, o seguinte: ao passo que a riqueza promove o desenvolvimento da vida do corpo que é passageira, o estudo promove o desenvolvimento da vida intellectual que é eterna.

Tractemos de estudar as condições do conhecimento em suas formas fundamentaes. E' ahi que havemos de achar o segredo da missão a que se destina a poesia.

As formas fundamentaes do conhecimento são a religião e a sciencia: uma filha do entendimento apoiado sobre a imaginação, a outra filha do entendimento apoiado sobre a experiencia.

O conhecimento só se adquire mediante esforços continuos. A humanidade encontra difficuldades enormes em sua marcha ascendente e só através de mil tentativas inuteis vae pouco a pouco augmentando o thesouro de seus conhecimentos, e ainda assim a verdade que lhe serve de guia acha-se ordinariamente cercada de uma infinidade de erros. D'ahi as luctas successivas de que está cheia a historia, que pelo menos em relação ao movimento intellectual propriamente dito, não é outra cousa mais do que a historia das luctas constantes da verdade contra a superstição e o erro.

O conhecimento é a representação intellectual da marcha das cousas, sendo verdadeiro ou falso conforme o grau de força que pode exercer sobre o espirito. Tal é o parecer de Leon Duntou quando define a verdade—a intensidade dos factos de consciencia. Succede, porem, que, quer numa, quer na outra de suas formas fundamentaes, o conhecimento só pode estender-se até um certo limite, alem do qual começa a região do *incognoscivel*.

E' a grande questão dos phenomenos e da—*cousa em si*—que tornou-se o distinctivo essencial do pensamento moderno desde a revo-

lução produzida por Kant no dominio do pensamento.

Lange identifica com os limites do conhecimento em geral, os limites adoptados por Du Bois-Reymond para o conhecimento da natureza. Esses limites são dous: a explicação ultima da *mechanica* dos atomos e a explicação ultima da *metaphisica* da consciencia. Um diz respeito à face interna da existencia, o outro à sua face externa. O que, porem, é incontestavel é que a'c'ahi o espirito pode obter algum resultado; d'ahi por diante toda a tentativa é inutil no sentido do conhecimento.

Isso quer dizer que o pensamento só tem por objecto o *mnndo* dos phenomenos, sem poder jámais elevar-se a essencia das cousas, de onde resulta o antagonismo profundo que ha entre a sciencia e a religião ou antes entre a imaginação e a experiencia.

(*Continúa*)

R. FARIAS BRITTO.

## ESTRADA Á FORA

A ARÃO RAMOS

Era manhã.

O sol faiscante e vivo, punha no ar uma mornidão trespassante e amollentadora.

Eu caminhava alegre e silencioso, sosinho, alagado de luz.

O caminho alongava-se-me ante os olhos, planuroso, largo, branco, convidativo.

Marginavam-no ininterrompidamente verdurações pujantes e fecundas, d'onde sahiam chilreamentos doces de ninhos, exhalações fortalecentes de vida.

Grupos sonoros de meninos satisfeitos e pinoteadores, que correm, trepam, gritam e estrefegam na distancia livre e preciosa que vae do lar ao mestre, desappareciam ao longe.

Voavam as borboletas.

Aqui e além, desciam riachos, cruzando a estrada, sob pontes rústicas de madeira,

'num rumorejamento eterno e crystalino.

E ao lado das casinhas alvas, limpas, enroseiradas e agrestes, cheias da felicidade tranquillã e virginal do campo, assoberbavam as cercas de páo á pique, irrompendo 'numa vegetalisação impetuosa e indomada, as sanguineas e revolucionarias *pancétas* que pareciam gritos de republica, sahidos d'entre a monarchia das arvores!

VIRGILIO VARZEA.

## A PAIXÃO

De longe vem a brisa a passo, vagarosa,  
Brincando ora no valle e ora na collina,  
Beijando brandamente a folha pequenina,  
Da linda sensitiva imbelles, vergonhosa.

Os beijos leves são, que a «pudica» mimosa  
Nem sente s'oscular, a fronte não inclina,  
E mira na corrente argentea, cristalina,  
A sombra da palmeira altiva, magestosa.

A brisa pouco a pouco em vento transformou-se,  
Veloz, enfurecido então o vendaval  
Ao valle e a collina agora arremessou-se.

Como a brisa é a paixão: nos vem sem fazer mal,  
—Tão branda, tão suave, até que apoderou-se  
Do nosso coração, titanica, fatal!

Alto da Bonança—1886.

RODOLPHO THEOPHILO.

## A MELHOR CARTADA

Estava uma coisa insipida aquelle dia. Uma bora da tarde. Muito mormaço. Nem uma gargalhada. Triste realmente.

Os hospedes que jejûavam alegravam-se agora no seu jantar, servindo-se grandes pratos de peixe, hortaliças, camarões, fructos, vinhos, requeijão e bolos; com tanto que os outros, almoçados por cerca das onze, tinham era tedio por aquella petisqueira. Na rua não havia o que fazer, e peor em casa. A leitura nem para todos era divertimento,

e acabava por cansar miseravelmente a um sujeito farto.

O Pedro Antonio ardia por um joguinho, mas esperava que outro lembrasse. Souza Pinheiro, com a cabeça elevada sobre o coxim de lã, estirava se ao longo do sofá, a ler as *Foulies Amoureuses*. E todos estavam com a cara contrafeita de quem recebe uma visita enfadonha. Correia e José Telles offereciam o raro espectáculo de entreter-se apuradamente ao lado de suas consortes: um casal namorando-se em cadeiras de balanço, fronteiras; e o outro, applicadissimo em uma partida de dominó.

A pequena palmeira collocada em um jarro na sacada, nem dava signal de vento.

A sala de bilhar, contigua, era um quartel sem tropa. Os bilhares encobertos por grandes pannos de riscado, e os taccos descansando nos cabides.

A do botequim, muito boa para rir e fumar, tinha de vivo os quadros suspensos na parede, --bonancheiras pinturas, frades lambões de figura roliça no aconchego das pipas, empunhando copos dithyrambicos, n'um riso e recato edenicos. Em moldura tosca, n'um claro, surdia o meio corpo de um marinheiro, em camisa de bordo, com o chapéo cambaleado para a nuca e feições crispadas por um choro pandego.

O Pedro Antonio distrahia passeando por ahi, de mãos para traz, com maneiras de quem visita um museu.

Uns ruidos successivos e ascendentes chamaram-lhe a attenção para a escada, em cujo patamar assomava o vultto amarello e inchado do capitão Dionisio.

—Vamos jogar—disse este

quebrando para o salão.

Pedro Antonio queria era isso. E' o que o divertia. Ter o prazercinho de *chorar* uma carta e ver o cobre cirandar de mão em mão. Sentir a forte impressão do prejuizo ou do lucro. O dinheiro, no jogo é que ostentava toda a fartura, e vagava como um alimento.

—Chama lá uns parceiros.

E pedia ao moço d'hotel uns baralhos novos. A meza estava a um canto. Era oitava-da, com uma gavetinha em cada face e forrada com panno verde.

Mao grado a insipidez do dia, ninguem acceitou jogar. Como?—dizia um—eu não jogo em sexta-feira maior! Temos o anno inteiro para peccar. E d'ahi, se fizeram esquerdos. Este por praxe, aquelle por delicadeza, aquelle por fé.

Mas, ninguem morre á falta de outro. Apareceram logo dous, um protestante que por accinte á religião estipendiada faria até milagres, e um typo insulso, d'esses que não têm mel nem fel. Jogariam até não sei que horas, si não fôra a morte de um dos jogadores.

Foi o caso assim:

Pelas sete da noite sentiuse na rua um alvoroço, um sussurro, e as janellas illuminavam-se. Os hospedes do hotel vieram para as sacadas.

Era a procissão do Senhor Morto. Havia um morno luar encinerando o ambiente. Ao longe avistou-se como uma brasa vermelha muito em baixo, e mais outra, e mais outra. Ouviram-se as pancadas secas da matraca. As brasas multiplicavam-se em numero e intensidade, e enfileiravam-se umas por traz das outras formando um corpo comprido,

para cada cordão de casaria. Eram duas serpentes de elos de fogo esses grandes bagos de luz amarella e coada. Os focos tinham movimento oscillatorio, manquejando, e avançando imperceptivelmente, com a mansidão de um enterro. Mais para longe, como pulsações de um coração gigante, palpitava o compasso do bombo, no funeral, como subindo de um subterraneo.

As vozes do canto-chão vinham um poucopara cá, e soavam monotonamente parvas. Um clarão amortecido e alto acompanhava o extenso prestito, esbatento na frente das das casas. Apareciam coloramentos de encarnado e de roxo, das opas, por baixo, entre o povo que se movia como sombras. A rua estava cheia de lado a lado. E no meio a longava-se um vacuo entre as confrarias. Adiante, via-se constantemente a massa de espectadores ir abaixando para ajoelhar. A matraca estrelava secca e constantemente, e de espaço, a voz aguda e terna de uma creança partia não sei de onde, como setta, modulando: *O vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte si est dolor sicut dolor meus.*

Passava no alto, suspenso, um vulto de mulher, em transe de agonia, conduzida em andor. Via-se-lhe as dobras do vestido roxo, e lentejoulas doiradas.

Depois, debaixo de um pallio de sedas macias, estirava-se em cadaver o retrato de Jesus, nú, velado por um crepe de luto. Era levado por homens embuçados.

Depois, vinha o clero, reconhecível pela alvura da sobrepeliz. E o bispo, com a cabeça coberta. E emfim, a massa bruta do povo, como a to-

na de um liquido onde pululam cabeças a perder de vista.

O funeral dominava agora tudo.

Um som de flauta aguçava um grito infinito e doloroso, pairando por cima como a voz de um seraphim, d'aquelles que apparecem nas nuvens sagradas. Uns sons de metal soaram refreados, com barbaria humana. E gemiam grossamente os baixos.

O cortejo mergulhava cada vez mais no silencio. Os cordões de luzes que oscilavam como fogos fatuos iam outra vez parecendo-se com brazas vermelhas. Pelo meio pompeavam os lampeões das cruces...

—

Porém, os quatro jogadores, tão entretidos que estavam, não se deram á curiosidade de ir lá. E a mulher do capitão Dionisio, que desde quarta-feira de treva não o vira, entrou açuladamente pelo hotel a dentro atirando-lhe excomunhões:

— Desgraçado! Qu' é da tua mulher e dos teus filhos?!

O capitão só attentava para o que estava fazendo. Ia puxar a melhor cartada de sua vida.

— Que jogo esplendido! — berrou elle com alegria diabolica...

E bateu na meza com a mão cerrada. A carta saltou lá. Era o coringa. E elle embiocou de bruços como si o tivessem quebrado pelo meio. Os parceiros recuaram horrosados, vendo aquelle homem cahir de repente para diante.

E o Telles, que voltava da varanda, namorando sua esposa, correu para o grupo. Apalpou com a esquerda o coração do Dionisio e com a dex-

tra consultou o pulso, e concluiu com frieza de perito:

— Não ha duvida. Bateu o trinta e um!

OLIVEIRA PAIVA.



## MORS AMOR

Vêl-a todos os dias, quando, encantadora no *negligé* matinal descia ao jardim para colher uma flôr ou para divagar através da perfumada avenida, ouvir-lhe a voz mil vezes mais doce do que a das aves que a saudavam com festivaes gorgeios, mandar-lhe em um olhar a alma inteira, era a unica felicidade, a consolação unica do infeliz moço que de ha muito a amava ardentemente.

Mas uma distancia immensa os separava. Ella era rica e nobre, elle pobre e obscuro. E a sociedade impõe preconceitos, o mundo crêa obstaculos que é impossivel transpôr.

Elle queria occultar no intimo do coração aquelle sentimento que lhe dominava todo o ser; jurára a si mesmo não tornar a vêl-a; porem assim que o primeiro raio de sol vinha beijar-lhe a fronte, ia ao jardim, e lá esperava ansioso e tremulo que ella passasse.

Imaginava ás vezes que era amado, adivinhava um sorriso nos labios della, vislumbra uma chamma no seu limpido olhar, e sentia então impetos de cahir-lhe aos pés e de dizer-lhe: Amo-te, amo-te tanto que por ti daria a propria vida!

Bemdictas illusões da mocidade! Risonhas e gentis esperanças que nos embalaes os primeiros annos, fazendo-nos entrever por um prisma azul

e fascinador as mais bellas e seductoras realidades!

Sois vós que embellesces a primavera da vida, sois vós as flores dessa bella quadra da existencia que infelizmente passa e não volta mais!

Elle era moço, amava e esperava; e no entanto ella nem percebia a muda adoração que lhe era tributada, nem via o olhar profundo e ardente que buscava o seu traduzindo a mais apaixonada supplica.

Uma manhã cahiu-lhe das longas tranças uma rosa branca. Elle apanhou-a tremendo. Seus labios subtis como a aza de uma borboleta roçaram as petalas meio abertas da mimosa flôr, e depois de um momento de hesitação entregou-lhe'a enleiado.

Sentiu a maciez da nivea mão que se estendera para a sua e ficou deslumbrado contemplando a belleza d'aquelle rosto candido e suave; mas quando o sentimento é muito forte a lingua se entorpece e elle não pode balbuciar um som.

Assim passaram-se muitos dias. Ella vinha todas as manhãs ao jardim, elle a contemplava occulto pelas ramas do caramanchão, e cada vez a amava mais.

Confessar-lhe o sentimento de sua alma parecia-lhe um crime.

Entre a orgulhosa filha do titular, e o humilde filho do jardineiro mediava um abysmo.

\* \* \*

Uma manhã ella não veio só.

Acompanhava-a um moço elegante e formoso que lhe fallava sorrindo, e em cujo braço ella se apoiava docemente risonha e feliz.

Foram sentar-se sob o mes-

mo caramanchão onde elle costumava occultar-se.

Oh! ironia pungente do destino!

O desgraçado ouviu a confissão de amor que faziam áquella por quem daria a propria vida, viu o seu rubor, o seu adoravel enleio e ponde ouvir tambem o sim que ella pronunciou e que lhe chegou aos ouvidos como uma sentença de morte.

Teve um momento de vertigem. Sentiu o atordoamento que produzem as grandes quedas. Que terrivel accordar! Caiam por terra todas as suas illusões, todos os seus dourados sonhos. Ella amava outro!

\* \* \*

Uma idéa criminosa assaltou-lhe a mente.

Comprou um punhal e pensou em embêl-o no sangue do rival.

Não, aquelle casamento não se realisaria. Ella tornaria a ser livre, e elle poderia ao menos adoral-a todos os dias, sem que alguém viesse profanar a santidade do seu fervoroso culto.

Esta idéa insensata arraigou-se-lhe ao cerebro de tal forma que uma manhã intentou executal-a.

Foi esperar os an'antes. O sangue queimava-lhe as carnes, o olhar despedia chispas de odio. Estava feroz no delirante ciúme que o arrastava até a consummação de um crime.

Seria presentimento? Nessa manhã ella estava pallida e fitava o noivo com um olhar mais cheio de ternura.

Repetiram o mesmo idyllo, estreitaram-se as mãos e o coração segredou-lhes a dulcissima poesia dos vinte annos.

—Si morresses eu morreria tambem, disse ella depois de

tel-o ouvido queixar-se de um pequeno incommodo.

A que vinha fallarem da morte quando a vida lhes sorria, illuminada pelo sol do amor?

Que ia fazer o desvairado? Matar aquella que amava?

Escondeu o punhal. Agora só lhe restava um recurso.

E a idéa da morte lhe appareceu no cerebro como o derradeiro lenitivo á sua enorme dor.

Pensou no suicidio

\* \* \*

Chegou emfim a noute das nupcias, e ella ainda mais formosa sob as roupagens de noiva, pronunciou aos pés do altar c—sim, que a ligava para sempre ao escolhido do seu coração.

Com que desespero elle ouviu esta palavra que impieiosa quebrava a ultima corda de sua esperanza!

E ella sorria-se no extasi da felicidade, emquanto elle se estorcias nos paroxismos da dor!

Era horroroso! Que ia ser delle d'ali em diante? Viver sem aquella illusão lhe era impossivel. Só a morte poria termo ao martyrio que o torturava.

A paixão hallucinava-o, aturdiava-o, embriagava-o.

Fugiu-lhe o derradeiro lampejo da razão, e como louco deitou-se junto ás rodas do carro que ia leval-a á casa.

O cocheiro nada viu, e quando quiz conhecer a causa do violento choque que o carro experimentara, encontrou um cadaver com o craneo fracturado e todo inundado em sangue.

\* \* \*

No outro dia, quando ella trazendo no rosto os vestigios

de uma insomnia feliz descia ao jardim ao lado do esposo, o cadáver do infeliz baixava á sepultura.

Todos lamentaram o incidente; porem ninguem soube nunca que o que occasionára aquella morte fôra... o amor!

JANE DAVY.

## DA CORTE

19—MARÇO DE 1887.

Vinte dias! Decididamente é o mal de todo o chronista, e principalmente um *dito* artistico! É o naufragio da correspondencia, é o aborrecimento, o enfado, o abrir de bocca, o estalar das articulações dos dedos do (às vezes impaciente leitor; e é o puxar de cabellos, o coçar do nariz, o esmurrar a nossa paciente meza, o bater com os pés no pacato assoalho do nosso quartinho de vinte e cinco mil réis, o quebrar a serviçal penna, que muitas vezes tem direito a uma reforma com soldo por inteiro! É tudo isto; pois não é? A falta de assumpto é ainda uma cousa que não está enumerada na lista acima. (Eu digo baixinho).

É a desculpa... de muita gente preguiçosa. Oh! mas não no caso presente, eu affirmo-te, leitor, com o cortejo de todas as verdades que se refloram ao caso, já se sabe; e affirmo-te tambem que nestes vinte dias quasi nada houve que interessasse esta secção. Agora, si duvidas da minha palavra, é vires saber cá, nesta terra do grande calor, da rua do Ouvidor, da agua da Carióca, dos capoeiras e da Academia de Bellas Artes e seu appendice o conservatorio de musica.

Verás.

Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, alem da grande fertilidade de que dispõem, são de uma actividade verdadeiramente notavel! Causam admiração e inveja! São o desespero de muitos talentos ociosos, são o mais bello exemplo aos novos, dos quaes são muito dignos sacerdotes.

Devido à estes genios trabalhadores, o publico desta capital applaude phreneticamente, no Lucinda, uma nova revista dos acontecimentos do anno passado, intitulada—«Mercurio».

O publico applaude a delicada e inoffensiva critica, a ironia elegante e fina; a verve espontanea e grata como uma alface em uma manhã fresca. A independencia invejavel e

masculina com que são apreciados os acontecimentos politicos, é admiravel. Nem uma allusão ferina, nem uma paixão vem traiçoeiramente, como sonho mão, interromper ou perturbar a unidade tão snave daquelle sonho bom!

O pequeno enredo que serve de elo aos acontecimentos para prendel-os com um molho de chaves, é gracioso.

Vou narral-o.

Fonseca intende casar com uma filha do sr. Peixoto. A pequena é uma belleza que faria um imperador não dormir nas conferencias pedagogicas de algum amavel conselheiro. E de truz, apesar de não se exhibir em scena, mas os auctores affirmam que é tal e qual estou dizendo O sr. Peixoto é um grande amator de revistas e desejaría casar a pequena com um homem capaz de fazer uma, e impõe ao Fonseca, em condição essencial para effectuar-se o consorcio, a factura de uma destas peças de theatro.

O Fonseca é meio bronco, e desanima.

O sr. Peixoto é implacavel, e deixa-lhe um cestinho com modelos de revistas, aprazando-o para no fim de um anno apresentar-se com as honras de auctor e reclamar as suas esperanças, a sua vida.

O Fonseca encontra a fortuna, que não é outra senão a fada Frivolina, a musa das revistas, que surge do cesto que o sr. Peixoto havia lhe trazido, e propõe-se a inspiral-o. Elle, maganão, que viu Frivolina quasi vestida de nua, pois appareceu-lhe com uma tanga de cor de rosa que bem podia ser mais compridinha (se ella nem tudo cobre nem tudo descobre), aceitou de mãos postas, e lá se foi a *une tournée litteraire* no Olympo, isto para começar. Jupiter, apesar de ter quebrado trezentas locomotivas, cançado um sem numero de cavallos e estropiado não sei quantas comitivas, recebeu-os esplendidamente. Cada deus é ministro de Papá Piter e apresenta verbalmente o seu relatório. Este acto é escripto em magnificos versos altamente desopilantes. Eis o prologo.

Fallei a pouco em enredo e só narro um episodio; que mais querem? d'ahi em diante é o perpassar rapido dos acontecimentos do anno, com grande frescura, graça, e muita arte.

O clou desta peça é nma cançoneita, cantada pela sra. Cinira Polonio que foi bisada.

A musica em geral... não tem que se lhe diga, ligeira de mais. Tangos, jongos, etc.

Xisto Bahia, Peixoto e Colàs, devem estar fartos das pragas que lhe rogavam os espectadores que já apertavam o ventre com as mãos, tanto riam.

Cinira Polonio, recebeu uma va-

lente ovação, bem merecida, pois a distincta cantora esteve como sempre, nos seus dias felizes. Se ella não os tem infelizes!

As Sras. Blanche e Fanny desempenharam bein os seus papeis; emfim, todos os actores concorreram na altura de seus talentos para o bom exito da peça.

A encenação é esplendorosa. A apothose é um grande e bellissimo trabalho de scenographia.

No Sant'Anna, representam presentemente uma opera comica de assumpto militar, *A Toutinegra do Templo*, de O. Meilhac, traducção de Eduardo Garrido.

Fallarei no proximo vapor, sobre a execução d'esta peça.

Falleceu na semana passada o maestro Cin.º Archangelo Fiorito, q' occupava os logares de professor de canto, e inspector do ensino, no conservatorio de musica da corte. Homem dotado de robusto talento, porem um talento moldado no tempo dos velhos, por conseguinte de um atrazo nas questões altamente transcendentales do ensino. Não conseguiu fazer-se bem entender em portuguez, apesar de morar no Brazil desde que veio de Napoles a actual Imperatriz.

Apresentou algumas composições religiosas durante o tempo em que foi mestre da capella imperial; e uma cantata composta especialmente para a Ristori, quando aqui esteve esta eminente tragica.

Foi nomeado inspector do ensino, no conservatorio, na vaga deixada pelo maestro Fiorito, o sr. Alfredo Camarate, critico musical no *Jornal do Commercio*. O nomeado aceitou a nomeação, recusando porem os vencimentos a que tem direito.

Esta nomeação foi verdadeiramente surpreendente.

Os são principios e a boa vontade que se nota no sr. Camarate serão uma garantia da sua conducta?

Ainda estamos sob a primeira impressão da surpresa.

Afinal, não tinha assumpto, e não sei si o patrão gostará que eu continue a ter destas faltas, pois afinal de contas parece-me que hoje sahi mais fóra do commum.

O leitor que me desculpe, mas se o patrão fallar, tomará a defeza do

MARIO.

IMP. NA TYP. DO «LIBERTADOR»

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO: JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,  
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N. 8

FORTALEZA, 30 DE ABRIL DE 1887.

## SUMMARIO

O papel da poesia—R. FARIAS BRITTO;  
O primeiro filho—JUVENAL GALENO;  
Contraste—A. MARTINS;  
O padre Francisco Pinto ou a primeira catechese de indios no Ceará—PAULINO NOGUEIRA.  
Deserto—F. CLOTILDE;  
Quinze dias—J. L.;  
O Manoel Bast —VIRGILIO VARZEA.

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

#### CAPITAL

Trimestre . . . . .	28000
Semestre . . . . .	48000
Anno . . . . .	88000

#### INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre . . . . .	58000
Anno . . . . .	108000

#### ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

## O papel da poesia

L'inspiration, le je ne sais quoi, ce qui va a l'idée et qui frappe l'âme, sont des mots écrits en caractères noirs sur des nuages bleus.

PROUDHON.

(Continuação)

O conhecimento do mundo dos phenomenos é o que se chama ordinariamente o conhecimento da realidade. D'ahi vem que o realismo se confunde com a concepção materialista do mundo: é que o materialismo identifica os phenomenos e a - cousa em si.

O mundo da realidade ou antes o mundo dos phenomenos está sujeito a leis immutaveis e segue uma marcha regular, de onde se segue que o seu conhecimento tem uma base segura e uniforme. As falsas

concepções metaphisicas que pretendem elevar-se a essencia das cousas constituem um grande embaraço ao livre desenvolvimento do pensamento que só pouco a pouco va destruindo as difficuldades por ellas introduzidas no dominio do conhecimento; mas por fim prevalece sempre o conhecimento da realidade.

“O fim geral do homem e da sociedade, conforme se exprime Lassarria em sua obra sobre a “Politica positiva,” não pode ser outro, senão a vida em toda a sua intensidade no espaço e no tempo; em outros termos, o desenvolvimento integral e completo de todas as faculdades humanas para conservar e estender a vida, dominando o mundo exterior conforme a ordem geral da criação e a natureza de cada cousa em particular.”

O unico meio que ha para chegar-se à consecução deste fim é o conhecimento verdadeiro da realidade. Só o conhecimento da realidade pode constituir a verdadeira sciencia, e tal é a condição necessario da vida e da sociabilidade. Separe-se d'isto a especulação e perdesse à nas brumas confusas do subjectivismo sem que possa d'ahi resultar nenhuma garantia para o futuro da vida.

E é justamente para que se realice a completa eliminação de tudo o que é subjectivo que o methodo que nos leva à sciencia da natureza exige a destruição das formas syntheticas de conceber o universo.

Como se deve, porem, nestas condições comprehender a influencia das idéas? A que ficam assim reduzidas a poesia e as bellas artes, estas filhas mimosas da imaginação e do sentimento, que Shopenhauer apesar de todo o seu pessimismo não vacillou em considerar como o unico bem capaz de por alguns momentos alliviar as miserias do mundo?

Colloquemo-nos em face da natureza e apreciemos com imparcialidade o espectáculo da existencia: Duas são as maneiras de comprehender a humanidade e o mundo: o optimismo e o pessimismo. O optimismo é a doutrina que acredita no predomínio do bem; o pessimismo é a doutrina que estabelece o predomínio do mal.

Qual d'estas duas doutrinas deve

ser considerada como a expressão da verdade? Na lucta pela vida, no jogo constante e indefinido das paixões e do interesse, quem é que se acha collocado n'um ponto mais alto e toma a direcção dos negocios da humanidade: o genio do bem ou o genio do mal?

Quando se observa friamente o quadro da existencia, as mil difficuldades da vida, a luta constante dos homens uns contra os outros, a miseria e o soffrimento de todos, sente-se que a natureza é extremamente cruel e não se pode deixar de ser pessimista. Para que, porem, seja possível o pessimismo, é necessario que haja a concepção ideal de um mundo melhor com o qual possa ser comparada a realidade. Resulta d'ahi que a observação da realidade que dá em resultado a concepção pessimista do mundo, oppõe-se a imagem ideal do optimismo como uma consolação para aquelles que soffrem e ao mesmo tempo como uma terrivel condemnação para os que fazem soffrer. Desde que, porem, o pessimismo é o resultado inevitavel da observação da realidade segue-se necessariamente a destruição da concepção optimista.

«Esta destruição, porem, diz Lange, só attinge o dogma e nuca o ideal. Ella não pode destruir o facto de que nosso espirito é creado para produzir eternamente de novo em si mesmo uma concepção harmonica do universo, o facto de que elle aqui, como por toda parte, colloca ao lado e acima do real ideal, e se restabelece das lutas e das necessidades da vida, elevando-se pelo pensamento até o mundo das perfeições.»

Qual é, porem, o meio de que dispõe o espirito para que se possa assim elevar a concepção do ideal? A sciencia, não; porque a sciencia tem por objecto a realidade: esta missão pertence ao dominio da religião e da poesia. D'ahi a distincção estabelecida por Lange entre as funções inferiores dos sentidos e do entendimento e o vôo sublime do espirito nas livres creações da arte.

Fica, pois, assim, perfeitamente determinado o papel da poesia.

O homem tem necessidade de completar o quadro terrivelmente esmagador da realidade pela concepção harmoniosa de um mundo

idéal. A realidade o atterra: é preciso entrever a possibilidade de um mundo melhor. Tal é a missão da poesia.

Pensando desta maneira é desnecessário observar que estamos francamente em opposição a esta chamada *poesia realista* ou *científica* que têm procurado introduzir entre nós alguns dos nossos criticos como a verdadeira forma da poesia moderna. Antes de tudo deve-se notar que ella ainda não recebeu uma accentuação definitiva, nem conseguiu, em nenhum de seus principaes representantes, desenvolver uma idéa capaz de inflamar a alma do homem moderno.

Depois, acontece que a sciencia não faz poesia e o quadro que nos apresenta da vida nada tem de poetico. D'ahi mesmo é que vem a necessidade da poesia, que serve em tal caso para completal-a.

Toda a poesia digna de merecer esse nome, deve ser scientifica; isto, porem, no sentido de que não pode deixar de soffrer a influencia do estado intellectual da epocha em que é produzida.

Neste caso a expressão—*poesia scientifica*—é insufficiente para caracterisar a poesia nova, porque, si a poesia de hoje está em harmonia com os conhecimentos modernos, a poesia da antiguidade estava em harmonia com os conhecimentos antigos; e assim tanto uma como a outra é scientifica.

Verdade é que a expressão nada adianta e não pode exercer nenhuma influencia sobre a substancia da cousa que representa; mas aqui alem de que a cousa é falsa mesmo em sua substancia, accresce quo a expressão envolve uma contradicção manifesta.

A expressão—*poesia scientifica*—é pois, injustificavel, a menos que se queira fazer de poesia unicamente um meio de vulgarisar a sciencia, o que equivale a confirmar a sua sentença de morte, porque então ella ficaria inteiramente affastada de sua missão que é a criação do idéal.

Podemos agora fazer uma exposição geral e synthetica do nosso modo de comprehender a questão.

«Tudo o que é bello é poesia», diz Lange.

Tal é a idéa que vem completar a nossa concepção sobre a natureza da poesia.

(Continúa)

R. FARIAS BRITTO.

## O PRIMEIRO FILHO

Meu Deus, que sinto! Que sombria nuvem  
M'inunda o rosto, o coração m'envolve!  
Correi, oh prantos, deslizai opimos...  
Banhai meu peito que convulso treme;  
E tu, oh magoa, os agulhões afla,  
Crava-os sem pena... Que m'importa a vida,  
Ermo onde as flores não vicejam... morrem !...

—Filho, meu filho!—Desvairado, afflicto,  
Chamei-te embalde!—De teu pae não ouves  
A voz penosa que o soluço embarga?...  
Vazio o barco... e pelo chão despertas  
A roupa, a fita, os infantis adornos...  
Extincto o incenso na caçoula fria...  
Tudo deserto... e resoando gelido  
Vento funereo—resfriando os lares!  
Filho, meu filho! Tua mãe pranteia...  
Teu pae arqueja.. de minh'alma, oh, filho!

Ha longo tempo t'esperava... Um dia  
Palavra doce nunciou-me a dita  
De possuir-te, de beijar-te agora...  
Passei as tardes na montanha umbrosa,  
Na fulva praia a meditar contente,  
Pois que antevia de meu filho os mimos  
Entre sorrisos d'innocencia ethérea...  
E então dizia à tua mãe:—Esposa,  
Serei seu guia n'este mundo vario;  
Eu mesmo quero lh'ensinar os passos,  
Primeira fraze que lh'exprima a idéa,  
Dar-lhe a sciencia que se deve à infancia!  
E tantas cousas murmurava... ai tantas,  
Que a esposa enchia dos mais ledos risos!  
Ou discutindo combinava o nome  
Que havia dar-te.. Ou, desvelado sempre,  
Mirava as alvas camisinhas tuas  
Qu'ella enfeitava a suspirar ditosa!  
Ai, já vivendo de tua vida, filho,  
Na rubra aurora da ventura immerso,  
Que perto vinha a despontar em jubilos!

E tu nasceste!—Da montanha, oh auras,  
Frescos arroios, menestrelis alados...  
Virgem natura, descantai um hymno!  
Que do poeta, do cantor das selvas,  
E' vindo o filho,—o seu primeiro filho,  
Imo poema d'inspirados cantos!  
Eil-o! Descança em maternal regaço,  
Lindo, tão lindo, como fora o sonho  
Do bardo esposo! Que expressão nos olhos,  
Quanta meiguice no seu riso ingenuo...  
Botão de rosa... cherubim celeste!...  
Filho, meu filho!—Mal conter nos labios  
Posso esta phrase... O coração me bate,  
Minh'alma entôa a gratidão em preces!  
Ave piando ao d' redor do ninho,  
Eis-me a cercal-o de caricia e zelo,  
Ora o revendo a resomnar no berço,  
Ora tentando acalentar-o... E quero  
Vencer a esposa em maternal carinho,  
No amor ao filho... qu'emoção... que dita !...

Mas, eis que o forem deshumanas dores !  
 Geme... S'estorce... A' Virgem Santa imploro...  
 Mil votos faço... que penar cruento !  
 Debalde exploro a medicina testulta...  
 Quanto padece a creancinha... Ai, grita...  
 E cada grito m'espedaça o peito !...  
 Meu Deus, salvai-o!--Que farei ?.. Ai louco  
 Não sei que faço ! Se um momento espero,  
 N'outro me volva o desespero em transes !  
 E as horas correm... Socegou... calou-se...  
 Mas, ah, que somno!... Empallidece...oh,susto...  
 Filho, meu filho ! Tua mãe soluça...  
 Teu pae arqueja... meu filhinho, acorda !

Palavra infausta o desengano escreve :  
 Morreu!--meu filho, meu querido filho !

Luz de minh'alma... a rutilante estrella,  
 Primeira e unica que em meu céu brilhava...  
 Phanal em trevas de agitados mares !  
 Do pobre cego que será sem norte ?...  
 Nas turbas ondas que será do naufrago ?...  
 Ai, quem me salva d'esta dor tamanha !  
 Quanta saudade!--Quem levou meu filho...  
 Os meus alentos n'este mundo ingrato ?!  
 A flor mimosa do mais santo affecto  
 Onde se occulta ? Que soidão em casa !  
 Debalde o chamo... procurei-o embalde...  
 Filho, meu filho!--Quem roubou-me a dita,  
 O meu menino, do poeta a esp'rança ?  
 Sombria sorte!--Soluçai, florestas !...  
 Verde montanha, do cantor o filho  
 Partiu... voando nos festivos bandos  
 D'almos anjinhos que do céu desceram !  
 Chora commigo, natureza amada,  
 N'alva da serra, nas saudosas tardes ;  
 E tu, filhinho, nos divinos thronos,  
 Pede consolo para a mãe que geme,  
 E a Deus que estanque de teu pae as lagrimas !

JUVENAL GALENO.

## CONTRASTE

São dois anjinhos—nós, sem hierarchias,  
 Um tem a côr que Deus à Europa dera,  
 Outro a pelle que a Africa escolhera:  
 Ambos no sangue as rubras alegrias.

A innocencia das azas despençera,  
 Um docel de iriante phantasia;  
 As mães são dous extremos:—uma cria,  
 A outra rouba o que a natura gera ;

Chora a loira creança:—o seio escravo  
 Aos labios dà-lhe o mel da nutrição,  
 Que suga como a abelha sorve o favo,

Mas o pobre Ismael, se hcora... então  
 E' p'ra ferir da mãe o acerbo travo;  
 Que não tem mel nem leite a escravidão !

A. MARTINS.

## O padre Francisco Pinto

ou

*A primeira catechese de indios*

**No Ceará**

POR

PAULINO NOGUEIRA

(Conclusão)

Quanto ao angelico padre Francisco Pinto, devemos-lhe maxima estima e veneração, co.no aquelle que deixou impressa na memoria dos selvagens incolas do nosso solo a idéa consoladora da religião, e sanctificou com o sacrificio do seu sangue o introito da civilisação em nossas brenhas.

A recordação suave do apostolo da palavra permaneceu na mente dos timidos e suspeitosos aborigenes como imagem de candura e amisade (59). Pois o martyr da fé é soldado que ganha no morrer a fortaleza invencivel do espirito dos seculos (60).

Desembaraçado já o campo, sahiu dos mattos o padre Luiz Figueira com os cinco indios que o acompanharam ; deu com o cadaver do seu amado irmão em Christo banhado em sangue e, abraçado com elle, cobriu-o de copiosas lagrimas, inconsolavel ainda mais por ver-se só, no meio d'aquellas florestas virgens, sem poder seguir para o seu destino, nem permanecer na serra para continuar no serviço da catechese.

Si sua carinhosa mãe o visse nesse momento pungentissimo, como a de Jocelyn, o desventurado Presbytero, em transes aliás menos dolorosos, lhe teria bradado:

... deixa, abandona  
 Esse horroroso, devorante solo,

(59) Araripe, cit., pag. 87.

(60) Emilio Castellar, *A Redempção social*.

Que proscree a innocencia, adora o vicio,  
E onde é crime de morte a mesma prece.  
Quem não tem mais altar que quer do pa-  
dre? (61)

E foi o que elle fez. Mettendo o cadaver em uma rede, foi sepultal-o na raiz da serra, querendo que esta, diz o pa- José de Moraes, lhe servisse de mausoléo já que lhe tinha servido de throno á sua ardente caridade; levantou ahi mesmo uma capella em que depositou-o, com uma cruz na frente, para servir de signal certo de um tão rico e impercível deposito; e retirou-se para o Ceará, d'ahi para o Recife e depois para a Bahia. (62)

Mas nem porque entre os selvagens da Ibiapaba houvesse, infelizmente, uma tribu tão deshumana que procurasse matar, para roubar, um sancto varão, anathematizemos, como fazem alguns, toda uma raça, cultora tambem dos melhores sentimentos, talvez mais sinceramente do que povos civilizados...

A caridade,  
Que é timbre do christão, tem-na o gentio,  
Como os sanctos a tem; o homem culto  
Só cultiva o desfarce: dentro é fera,  
Quando o baptismo lhe não desce n'al-  
ma. (63)

E' muito mais para admirar que houvesse um varão tão sancto que, desprezando todas as commodidades da vida, renunciando todos os go-

(61) A. de Lamartine, *Jocelyne* cit., pag. 50.

(62) Este padre é um destes vultos angelicos, que illuminam as primeiras paginas da historia dos Jesuitas em nossa terra; já velho e cansado, não cessava de viajar pelos sertões do Brazil para catechisar e doutrinar os *pobres brazis*, como com sincera ternura os denomina no Prologo de sua *Grammatica*. Gozou da gloria do martyrio; foi morto e devorado pelos indigenas na ilha de Marajó, no Pará. Couto de Magalhães, "O Selvagem" cit., Parte 3.<sup>a</sup>, pag. 61, nota 10.

(63) Porto Alegre (Barão de Santo Angelo) "Colombo", Tom. 2.<sup>o</sup>, Cant. 36, pag. 420.

sos, se mettesse pelas brenhas a dentro, com sacrificio da propria vida, para catechisar ve dadeiros barbaros, do que que o matassem aquelles que só de gente tinham a semelhança e o nome, mas de fera a condição.

Voltemos aos malvados tocarijús e ao venerando cadaver do martyr, e vejamos si o que seguiu-se a respeito não é honroso ao character e pios sentimentos dos demais indios, tanto da serra como do Ceará.

Morto o padre Pinto, os tocarijús dirigiram-se, sem demora, á pobre cabana donde elle havia sahido; não pouparam cousa alguma que podesse servir de pasto á sua insaciavel e sacrilega cobiça; e, como todo seu diabolico intento era só matar o virtuoso sacerdote, para roubar-o, aproveitando-se do muito que imaginavam em seu poder, se retiraram ufanos, victoriosos e cada vez mais brutaes com a canibal presa, fazendo publica ostentação dos despojos nas poucas alfaias da pobreza dos padres, nas vestes sacerdotaes e mais instrumentos do altar portatil, que sacrilegamente roubaram.

Mas os tobajáras, apenas souberam da morte do seu querido *Pai-Pina*, assentaram de vingal-a a seu modo. Procuraram os tocarijús na sua propria aldeia; e, dando-lhes um apertado cerco antes do romper d'alva, fizeram um verdadeiro *Saint Barthélemy*: tocaram a matar com tanto furor, sem distincção de grandes e pequenos, moços e velhos, innocentes e culpados, que não deixaram um só que podesse fazer lembrado seu nome e castigo á posteridade. (64).

(64) Padre José de Moraes, Hist.

Não foi a serra, porem, por muito tempo o tumulto do grande servo de Deus.

Os indios do Jaguaribe, ainda cossados em 1609 por outra grande secca (65), lembraram-se logo do seu querido *Amanajára* que, em identicas circumstancias, já lhes tinha feito cahir chuva do céu; e resolveram a trasladação dos seus ossos para junto de si.

Tendo por guia o roteiro, que o padre Luiz Figueira lhes havia deixado, e por chefe o Principal *Poti* ou *Camarão* (66), amigo e admirador

cit., Cap. 5, e padre Antonio Vieira, Rel. da Miss. cit., Cap. 2.<sup>o</sup>, pr.

(65) Aproveito a occasião para dar noticia de uma secca, em 1745, desconhecida ainda na Provincia e fóra della.

O Jesuita Johan Breiver-em Murr: *Journal zur Kunstgenhuchte*, vol. 17, pag. 273, publicado em Nilmberg no anno de 1789, escreve:—"Maximis tamen hominibus infelix est continuata siccitas qualis in Siará, et aliis longe lateque circum jacentibus regionibus fuit anno hujus sæculi 45., quo toto anno, dubito, an duodecies pluerit; perentibus pluribus pecorum millibus tam defecta pabuli quam aquæ. Accedebat quod neglectus ignis usque adeo sub terra exsuccas, et sibi innexas arbustorum radices corripere, ut super paulatim consumeret; unde non uni contigit, ut super has partes incidens subito in latentem sub illis foveam incuderit, pedesque amiserit.

*Tradução*:—"Entretanto, para a maior parte dos homens continuava uma secca infeliz, igual á que houve no Ceará e em outras regiões mais ou menos adjacentes no anno 45 deste seculo, no decurso do qual duvido que chovesse doze vezes; perecendo milhares de gados, não só á falta de pasto como d'agua. Accrescia a tudo isso que o fogo ganhase e consumisse paulatinamente, mesmo nas entranhas da terra, as raizes dos arbustos resequidos e emmaranhados; pelo que aconteceu a mais de um que, caminhando por esses logares, cahissem de subito em fojos occultos sob as mesmas raizes queimadas, e assim queimassem os pés."

Breiver morreu em Colonia a 13 de agosto de 1789; esteve dez annos na Ibiapaba e no Ceará em 1751.

(66) Este é o grande indio D. Antonio Felipe Camarão, cujo retracto orna a sala das sessões da Camara Municipal da Fortaleza. Foi um dos vultos mais proeminentes da guerra

do miraculoso *Amanajára*, puzeram-se a caminho em procissão, no rumo da Ibiapaba, em 1811.

Foi-lhes facil dar com o tumulo, e não menos trazerem os ossos em um caixote, que levaram de proposito, como uma especie de urna funeraria dos nossos tempos.

Si guardaram o maior respeito durante todo trajecto, não menos no deposito que fizeram dessas reliquias na aldêa da *Porangaba* (67), em u-

hollandeza no Brazil em favor da Metropole, que remunerou seus relevantes serviços com a patente de Capitão-mor dos indios do Brazil, o titulo de Dom, o habito de Christo e a commenda da Ordem dos Moinhos do Soure.

Segundo o padre Manoel Calado, "Valeroso Lucideno", pag. 165, sabia ler e escrever bem o portuguez, e não era estranho ao latim. Não é, portanto, de admirar que quatro provincias (Pernambuco, Parahyba, Rio-Grande do Norte e Ceará) lhe desputem o berço, como a Homero sete cidades da Grecia; com uma grande differença, que sobre a existencia do heróe brasileiro não ha duvida; mas a ha bem fundada sobre a do poeta grego. Vide "Sur la question homérique" (sobre a theoria de Wolf,) O. Muller, "Histoire de la Litterature Grecque", vol. 3, pag. 253 a 284, Traduç. de H. Hillebrand.

(67) Araripe, pag. 85, infere da seguinte circumstancia que a aldêa em que foram depositados os ossos do Padre Pinto é a Paupina: "Quando Jeronymo de Albuquerque, em 1814, aportou na enseada do Iguapeia na comitiva deste official um padre (Manoel Gomes), o qual diz que amarraram na bocca do porto do Ceará (que então era a dita enseada) em altura de 3 grãos e 1 sesmo, e accrescentou: «A tarde sahi em terra, na qual, posto de joelhos, olhando para a banda onde me disseram estar uma igreja de indios, à 3 legoas de distancia, em que está enterrado o nosso bemaventurado padre Francisco Pinto, me recomendei a elle.»

«Nestes tempos era assás povoado de hordas indigenas o terreno entre a costa e as serras d'Aratanga e Maranguape: na parte central desse terreno existe a lagoa Paupina, cujas adjacencias nos tempos da primeira colonisação já serviam de assento à uma aldêa de indios. A distancia de 3 legoas, acima indicada pelo chronista, quadra à aldêa Paupina na direcção aproximada do poente.»

ma igreja especial, com cruz na frente, levantada de proposito por ordem de Camarão.

Ahi, conforme seu gentelismo, procederam á pomposas exequias, constantes de um choro continuo durante trez dias, chamadas em sua lin-

Candido Mendes, em suas "Memorias" cit., Tom. 2, pag. 467, nota 2., concorda no sitio, mas por outra razão: "por causa de Pai-Pina, nome por que os indios conheciam o padre Pinto, cnamou-se a aldêa de Pai-Pina, donde a corrupção de Paupina, onde estiveram sepultados os ossos do mesmo Padre Pinto em 1611."

O major J. Brigido, no seu "Res. da Hist. do Ceará" cit., pag. 12, está de acordo com C. Mendes.

Mas, depois de compostas ditas "Memorias", é o proprio C. Mendes que em "Notas Aditivas" à pag. 65 da Introducção, nota 2., rectifica o seu engano:—"Segundo o que escrevemos na nota 2., à pag. 467, era nossa conjectura de que a aldêa onde foram sepultados os ossos do Padre Francisco Pinto, era Messejana, em razão do nome de Pai-Pina; mas, reflectindo melhor e attendendo à carta do padre Manoel Gomes à pag. 72 do Tom. 1.º destas "Memorias", que fixa a distancia dessa aldêa da antiga fortaleza do Ceará, mudamos de parecer, e entendemos que outra não pode ser senão a antiga aldêa da Porangaba."

Corroboram a opinião de C. Mendes duas razões ainda da maior procedencia:

1.ª Diz Berredo, nos seus "Annaes do Maranhão", que os ossos do padre Pinto conservaram-se no Ceará na aldêa dos *Algodões* com grande veneração até dos proprios indios." Ora, a aldêa dos *Algodões* era a da Porangaba, como se vê perfeitamente da Carta Topographica do Ceará, de Gaspar Barlaeus, e attesta a mais ininterrupta tradição.

2.ª Em 1611 o Principal Jacauna, ou em portuguez *Jacarandá preto*, irmão de Camarão, já se havia mudado do Aracacú para Porangaba, onde fixar a sua aldêa para proteger a Soares Moreno, a quem chamava de filho, como nos assevera Pompêo no seu "Dic. Top.", verbo *Arronches*. Tambem era na Porangaba, diz C. Mendes, que vivia o Principal *Amanajára* ou *Algodão*, o primeiro, como vimos, que travara de amizade com o Padre Pinto quando este chegara ao Ceará. Ora, nada mais natural do que Camarão depositar os ossos do seu idolatrado *Amanajára* na aldêa em que viviam seu irmão e *Algodão*.

gua *çapiron* (68). Todos os Principaes trajavam com a maior pompa, e os indios com todo luxo possivel.

Seguiu-se outra cerimonia não menos edificante. Camarão ordenou que todos as tribus das aldêas visinhas, em procissão, fossem visitar aquellas venerandas reliquias; e as da propria aldêa todos os dias, pela manhã, fossem dar-lhes os *jandé-coéma* (69), que correspondem aos bons dias, do nosso uso.

Em outra parte essas reliquias não teriam mais piedosa veneração. Em 1614 conta o padre Manoel Gomes ao Provincial da Ordem, em carta datada do Ceará:

«Fallei com os indios, que acudiram á praia a saber da novidade de tão grande armada em seu porto, e pela devoção que ao reverendo padre tem, me fizeram força para me levarem á sua aldêa. Dificultei a ida em razão da distancia, e porque nos haviamos fazer á vela na manhã seguinte. Instaram-me que me levariam em rede, vim a concerto que iria a pé, se me largassem os ossos do padre Francisco Pinto; o que não quizeram e affirmaram os haviam defender com as armas, se lh'os quizessem tirar, persuadidos que os Céos lhes deixariam de fazer mimos, se nem sol a seu tempo, e quando os ameaça essa falta se vão á sepultura, e fallando com o servo de Deus dizem: «Pai-

(68) Quer dizer litteralmente—olhos vermelhos; de *ça* olhos e *pi-ron*, *pirong*, *piranga* vermelhos. D'ahi *sapiranga*, especie de ophtalmia, molestia que ataca as palpebras, pondo-as vermelhas e muito conhecida no norte.

(69) *Nandé*, *iandé*, *yandé*, *jandé* nosso, e *coéma* manhã. Litteralmente—nossa manhã ou manhã de nos; e livremente pode traduzir-se por—bons dias, saudação d'amanhã, do uso civilisado.

a isso consentissem, e assim o tinham experimentado, que faltando-lhes algumas vezes, annos inteiros, chuvas, e por essa causa os mantimentos, frutos e frutas; e que depois que em sua igreja o agasalharam, não lhes faltou chuva *Pina, dae-nos chuva ou dae-nos sol*, conforme a sua necessidade, como se fora elle senhor dos tempos; e Deus, para honrar seu servo e mostrar quão acceita lhe é esta missão, lhes concede tudo á medida dos seus desejos.» (70)

Onde hoje ellas param, depois de quasi tres seculos, é impossivel dizer; o que, porém, pode-se affirmar é que será sempre veneranda a memoria do servo de Deus, levado em espirito para a sua patria celestial.

... Ao javardo emquanto o serro  
For grato, ao peixe o rio, emquanto orva-

(lho  
Cigarras mantiver, abelhas thymo,  
Durará com louvor teu nome e fama (71)

## OS QUINZE DIAS

Do naufragio do *Bahia*... tranquilise se o leitor; não vou transcrever cartas de naufragos, nem quisiços do inquerito para reviver no espirito publico as atribulações que o apouquentaram e opprimiram. Quero contar cousa diversa; registrar um pormenor alegre, um caso de bom agouro.

Do naufragio do *Bahia*, dizia eu, salvou-se um maço d'*A Quinzena*.

Imaginem que de festas cá

(70) Esta carta vem transcripta integralmente na Hist. do Padre José de Moraes, Cap. 9 *in-fine*. Diogo de Campos Moreno, na sua "Jornada do Maranhão," em 1814, attesta tambem a mesma veneração.

(71) Virgilio, "Egloga" 5.<sup>a</sup>, Odorico Mendes, "Virgilio Brasileiro", pag. 37.

por casa, si era a pobresinha o parente mais proximo que tinhamos a bordo do desgraçado paquete!

E escapou. As fauces escancaradas do medonho abysmo, liquido tumulo de tanta vida cara, fecharam-se generosamente áquelle pobre e humilde maço de nossa pobre folha, e ella, coitadinha, poude fluctuar entre as espumas e nadar para a costa, onde foi surgir fatigada, exhausta, contusa e afflicta.

O caridoso e honesto subdelegado de Catuama acolheu a jovem naufraga com carinhosa solitudine, digna do fitão auriverde que o distingue dos outros mortaes d'aquellas praias e deu-lhe hospedagem e até noticia telegraphica de estar salva a terra e terna filhinha do *Club Litterario*, que leu o caso com os olhos arrasados de lagrimas de paternal affecto e funda gratidão e, numa mesma prece, elevou ao deus de seu culto uma prece de amor e gratidão pelo salvamento miraculoso da criança e pela caridosa solitudine do subdelegado.

Em viagem de jornal é a mais aventureira de que tenho noticia.

Sahindo do tecto paterno, logo no correio teve de experimentar as agruras da vida, quando o Annibal, com mão tremula e desamorosa, atirou-a pela orelha ao canto poeirento das folhas a expedir. Horas depois era arrojada ao fundo de um sacco humido e impregnado de salsugem, juntamente com volumosos maços de folhas diarias, suas parentas ricas e vaidosas, que até fizeram que não a conheciam. O proprio *Libertador*, seu irmão de leite, criado com ella sob o mesmo tecto, fez-se soberbo, e até uma vez atirou-se-lheem cima com to-

do o peso de sua carga de noticias e adjacentes emulsão de Scott e machinas de Singer, massudos artigos de fundo e mais quinquilharias de sua enorme bagagem.

Na jangada ficou a desgraçadinha quasi sem folego, que foi o seu camarote não, o seu sacco, o escolhido pelo infeliz immediato Silverio para sentar sua gorda e volumosa pessoa.

A bordo o enjão e o abandono, até que, na noute terrivel de 24 de Março, viu-se rapidamente lançada ao mar a travez do rombo brutalmente aberto no costado do navio pelo punhal assassino do *Pirapama*, o Tropman do Atlantico.

E nem sabia nadar.

Quando quiz estender as mãos para o unico escaler de salvação atiraram-lhe ponta-pés os outros naufragos.

Abeirara-se depois da capoeira de galinhas que tanto serviço prestou naquella dolorosa emergencia, mas não quizeram recebê-la a bordo.

E as ondas passavam sacudindo-a, e o mar estoirava-lhe á cara soluços espumantes, até que uma ardentia generosa viu-a e commoveu-se.

—Vem, minha irmã. Tu que és o santelmo da mocidade corajosa e crente, vem comigo pelos caminhos do abysmo, que só bem conheço eu, o santelmo das galerias submarinas. Nós ambas servimos para illuminar: tu o espirito dos homens, eu os palacios das nereidas. Vem e salva-te.

E foi assim que aquelle maço d'*A Quinzena* aportou ás praias de Catuama.

Quando a onda em que as duas navegavam debruçou-se nos comoros da praia a ardentia beijou na fronte *A Quinzena* e voltou pelos mysterio-